

Vida do poeta (1639)

(Manuel de Faria e Sousa, Lusíada¹)

Escreveu a vida de Luís de Camões com estudo, curiosidade e diligência, o Doutor Manuel Severim de Faria, Chantre na ilustre, e santa Igreja de Évora, tirando o mais dela das próprias obras do Autor, e sendo o primeiro que o soube fazer, nos arrebatou esta glória, que andávamos solicitando, com dar à estampa o seu livro intitulado, Discursos Vários Políticos, no ano de 1624, no qual já nos encontrávamos com o segundo rascunho/manuscrito deste trabalho, no mínimo havia muito anos, quando de poucos acertos. Damos-lhe os agradecimentos do que nos ensinou com seu bom zelo e diligência, e arrimando a ela a nossa diremos assim.

II.

Como se Luís de Camões não fosse grande por sangue, e por engenho, e por ações militares, e estudiosas, e tivesse nascido muitas décadas anteriores, padeceram dúvidas sobre o lugar de seu nascimento, e total esquecimento do seu ano. Coisas que deixam a descoberto quão pouco cuidado deu à sua pátria um Varão tão especial: e descuido em que muito mais que a ele, a encontro eu perda a ela. Alguns afirmaram que foi natural de Coimbra, porque nessa já florescente corte portuguesa tiveram ilustre Casa ascendentes ilustres dele. Todavia se suas obras isto não consta, porque em nenhuma vez nomeia o rio Mondego (clara honra daquela nobilíssima cidade, e delicioso terreno) que o chame pátrio, e seu, como algumas vezes chama o Tejo. Verdade seja que lhe mostra amor, e o celebra, mas tal como quem passou os primeiros anos em suas margens, por ocasião dos estudos que seguiu naquela sempre célebre Academia, a qual mostra solene na estância 97 do canto 3. E como quem nela teve amores finos, e lhes deixava a alma, se despede no soneto 3 dos seus poucos que

se veem no tomo, que a cobiça fez chamar, Segunda Parte de suas Rimas.

Doces águas claras do Mondego
doce repouso de minha lembrança
onde a comprida e perdida esperança
longo tempo após si me trouxe cego,
De vós me aparto, etc.

E na canção 4, que já foi escrita em Lisboa:

Vão as serenas águas
do Mondego descendo
mansamente, que até o mar não param
por onde minhas mágoas
pouco a pouco crescendo,
para nunca acabar se começaram, etc.

Porém do Tejo não se descuida de chamar-lhe seu, e pátrio; e às damas de suas, e Tágides. Na estância 3 deste Poema; E vós Tágides minhas. E na 81 do canto 7: E ainda Ninfas minhas, falando com as próprias Tágides. Se bem que antes, na estância 78, se recorda dos rios, dizendo:

.... Mas, ó cego!

Eu que cometo insano, e temerário,

Sem vós Ninfas do Tejo, e do Mondego?

Vosso favor invoco, etc.

Isto é o que respeita somente a que Coimbra foi seu Parnaso, e os estudos que ali conseguiu suas Musas, com que canta agora de sua pátria: ou também em respeito de que Coimbra, como Lisboa,

foi o assento da Corte Portuguesa, e valor Português que celebra, dando às damas naturais o título estrangeiro de Musas pelas razões que dissemos sobre a estância 3 do canto 1. Tal se descobre quando as trata só como damas, diz que elas somente são as que fazem cantar os feitos Lusitanos, de puro obediente a sua formosura: porque os senhores de puro estéreis lhe secavam a veia, e desafinavam a Lira, como claramente se vê na última estância do canto 5, e na 145 do 10. E assim se deveu sua Poesia ao amor destas Ninfas, como o publica nesta estância do canto 5.

..... Dar a todo Lusitano feito

Seu louvor, é somente o pressuposto

Das Tágides gentis, e seu respeito.

E por isto a elas invoca no princípio do Canto 1 e ao fim do 7, como lá anotamos. Ao Tejo como natural procurou sempre engrandecer, e disto estão cheias todas as suas obras: e na estância 3 deste Poema confessa que todas elas foram endereçadas a ele: e o põe por dívida às próprias Ninfas, para que mostrando-se grato a elas lhe deem novo espírito, assim:

E vós Tágides minhas pois criado

Tendes em mim um novo engenho ardente

Se sempre em verso humilde celebrado

Foi de mim vosso rio alegremente,

Dai-me agora um som alto, etc.

Mostrando apenas que coisa alguma cantou que não fosse levado pelo amor de sua pátria, delas e dele, que tanto as amava a elas como a ela.

III.

Mas se ninguém pode afirmar que o P. nasceu em Lisboa, quem tira da insigne vila de Santarém a ação que tem em seu nascimento, sendo sua mãe, dona Ana de Macedo, natural dela, e ela naqueles tempos ilustre retiro dos Reis, e em todos asilo dos Cavaleiros? Junta-se a isto que, quando o P. foi desterrado a primeira vez, a esta vila como a sagrado natural se colheu, segundo parecerá do que diremos adiante. E tanto pode celebrar o Tejo e suas Ninfas um natural de Santarém, como outro de Lisboa, pois se banham nele igualmente. Verdade é que diz o Licenciado Manuel Correa, pessoa de crédito, e da idade do Poeta, e seu amigo, que nasceu em Lisboa e los anos de 1517. Deixaram-se crer alguns que o P. falava de si no soneto 100, quando disse:

Criou-me Portugal na verde clara

Pátria minha Alenquer.

Singular absurdo, pois não viram que era mister o houvesse o P. feito noutra mundo, porque ali fala na persona de um morto. A dúvida que podia ficar em pé, acerca de onde eram as damas que invoca, e que celebra, pois chamando-as Tágides, igualmente podiam ser de Lisboa, e Santarém, como aí dissemos, se pode contravir ao mostrar que o P. descobertamente estava apaixonado pelas de Lisboa em sua carta 1, dizendo: *Agora julgai, senhor, o que sentirá um estômago costumado a resistir as falsidades de um rostinho de tauria de uma dama Lisbonense, etc.* Mas isto podia ser como enamorado por assistente, e não como natural por nascimento. E assim não havendo o Licenciado Manuel Correa trazido outro testemunho mais de seu, em coisa que padecia tanta dúvida, não prova que Luís de Camões haja nascido lá, de modo que se possa ter por certo: e mais havendo pareceres de que nasceu em Coimbra, e não sendo desproporcionado o nosso, de que pode antes ser de Santarém. Mas ao fim parece que convinha à grandeza de Luís de Camões, como a do Nilo, que não se soubesse com segurança seu

nascimento, e, como por Homero, as sete cidades Gregas, competissem por ele as duas primeiras cidades e a vila primeira de Portugal. Grande coisa que dos homens grandes enquanto vivos se haja tão pouca conta geralmente, e que todos os queiram depois de mortos.

III.

Era Luís de Camões Cavaleiro, por sangue, da ilustre dos Reinos de Galícia e Portugal. Desta maneira: Tradições e constante fama publicam que entre Noia e terra de Barcala e Soneira era o solar da família dos Camanhos, senhores de dezessete povoados ou freguesias (como dizem as memórias manuscritas) em que todavia permanece o nome de Camanesas; e pelas ocasiões daqueles tempos (particularizando que um senhor desta Casa matou um Calheiro da dos Castros) veio ela em diminuição, por ser forçoso ausentar-se, como o fez, passando-se a viver da outra parte de um braço de mar, que chamam Ria de Aroça, onde desde então permanece esta família, sempre com lustre de seu primeiro estado, ainda que diminuído, porque com a mudança, e as causas referidas, e outras, se perderam aquelas terras que tinham da outra parte. E consta mais, que havendo isto sucedido haverá trezentos anos, ainda hoje se conservam casas com este sobrenome, como são as dos senhores de Nebra, e Romelhe, e a de Rubianes, que é hoje o solar, e morgado entre Ponte Vedra e Vila Garcia, de cujos senhores com sucessão continuada consta por testamentos, e escrituras autênticas desde o ano de 1402, começando em Rui Fernandes de Camanhos, e se foi dilatando até hoje, aparentada sempre com famílias ilustres de Galícia e de Castela, e produzindo pessoas de partes singulares, ocupando muitas postos honrados. Refere-o mais largamente o Doutor João salgado de Araújo, Abade das Igrejas de Pera, diligente investigador das Casas de Galícia, no livro que compôs delas. Isto lá.

Em Portugal iniciou-se a família deste sobrenome (com alguma corrupção, pois dizemos Camões) com Vasco Pires de Camões, que desde a Galícia passou a servir ao rei dom Fernando de Portugal, no ano de 1370, por ventura obrigado pelas mesmas causas que obrigaram sua gente a perder aquele primeiro senhorio, e passar-se a Rubianes. De quem fosse filho não consta, mas facilmente devia ser deste Rui Fernandes, com quem começa a memória desta família: porém sabe-se que era pessoa tão assinalada que logo lhe deu o Rei as vilas de Sardoal, Punhete, Marão, Amendoa, Conselho de Gestaço, e as primeiras que em Avis, e Entremós, foram da Infante dona Beatriz: e o fez de seu Conselho, e o que é mais, lhe fiou a Alcaidia maior de Porto Alegre, e Alenquer, lugares notáveis, e cargo de grã confiança, e estima em todos os tempos, e naqueles muito mais. Seguiu depois para as partes de Castela (estas eram as boas) e perdendo-se em Aljubarrota lhe restaram somente algumas terras no Alentejo, onde hoje permanecem Cavaleiros seus sucessores. Foi casado com filha de Gonçalo Tenreiro, General das armadas de Portugal, que teve título de Mestre da Ordem de Cristo. Seus filhos foram Gonçalo, João, e dona Constança de Camões. Gonçalo casou com Constança de Fonseca, filha de Afonso Vasques de Fonseca, Alcaide maior de Moreira, e Marialva, que era filho de Vaco Fernandes Coutinho, de quem procedem os memorados Condes de Marialva, com sucessora de cuja casa casou um Infante legítimo de Portugal, no tempo de sua maior grandeza, que foi o dos Reis dom Manuel e dom João terceiro. Desta sua mulher teve Gonçalo de Camões a António; de quem foram filhos Lope e Aldonça. Lope casou com Inês Dias de Câmara, filha de Diego Alonso de Aguilar, e neta dos Condes de Calheta, e tiveram Antonio Simão e Duarte de Camões. António casou com dona Isabel de Castro, filha de dom João, irmão de dom Fernando de Castro, de quem procedem os Condes de Basto. Foram seus filhos Lope Vaz e Luís Gonçalves, fundador do morgado da Torre, que

continua em seus descendentes. Casou Lope com dona Maria de Fonseca, filha de Gaspar Roiz Preto, filho de Jorge, Cavaleiro maior da Imperatriz Isabel. Dela teve António, e a dona Ana. António casou com dona Francisca da Silveira, filha de dom Álvaro, filho de dom Diego da Silveira, Conde da Sortelha, e Guarda mor del-Rei dom João Terceiro. Tiveram filhos: e assim, ilustremente, foi crescendo este ramo do filho primeiro do transportador desta família a nosso Reino. Venhamos ao segundo do segundo filho seu, de quem procedeu o fim segundo do Poeta.

V.

Ivan Vaz de Camões, vassalo (título que naqueles tempos era grande, se bem que não o tinham só os maiores) do Rei dom Afonso V, e era justo, que o Grande Camões fosse produção de um homem que tivesse logrado título de grandeza. Pessoa foi notável na guerra, e na paz. Teve casa, e tem enterro todo ilustre, na cidade de Coimbra. Casou com Inês Gomes da Silva, filha de Jorge da Silva, senhor de muitas terras, e Alferes maior del-Rei dom João I. Tiveram António Vaz de Camões como filho, que casou com dona Guiomar Vaz da Gama, de quem teve Simão Vaz de Camões, que casou com dona Ana de Macedo, da vila de Santarém, estanque já de nobilíssimo sangue. Deles nasceu nosso Poeta, que começava a viver quando seu pai perdeu a vida em um naufrágio padecido na costa de Goa, levando a Capitania de uma nave da Índia. Esta é a qualidade do nascimento de Luís de Camões, que assim com excedeu no espírito poético a quase todos, nela também os excedeu, porque raros são deles s que a têm das primeiras como ele, e poucos chegam à mediana; observação que os ensinara a Providência divina, que nenhum deixa de adornar com alguma graça, ou virtude, dando aos menores o que se o mundo não tem por maior, ele na realidade o é: porque o engenho raro, e o juízo, e o talento, dons divinos são da primeira classe: que o sangue com mais quilates, e a fazenda

numerosa, ordinariamente se veem contrabalanceadas com a falta de esforço, que é notabilíssima falta. Porém em Luís de Camões concorreu tudo, de maneira que foi ilustre duas vezes, uma pelo sangue e outra pelo engenho. E ele prezava tanto sua nobreza, que, se de seu engenho se jacta nos lugares que apontaremos na última nota a este Poema, não se jacta menos dela nas estâncias de suas Rimas a dom António de Noronha, que, sendo Calheiro dos de primeira magnitude, lhe diz que no conhecerá outro mais honrado, assim:

E ali outro ninguém me conhecera,
nem eu conhecera outro mais honrado,
senão a vós, etc.

Nele, que não teve sucessão, feneceu este ramo a maneira de luz que se apaga, que, ao apagar-se, resplandece muito mais. Já haveis notado que sendo ele tão chegado pelo sangue à família dos Gamas, parece que a deles foi fatal o descobrimento da Índia, pelo Oceano, e do Oceano da Poesia por esta ação. E também ponderais que sendo tão poderosa sempre a força do sangue, não bastou a contrastar a adversa fortuna de um engenho raro, pois parece que os Gamas por esta lhe negaram o que lhe deviam por essa outra. Nem eu duvido de que quando o Poeta se queixa deles na estância 99 do Canto 5 e chama seu ao Gama (o nosso Gama) atendeu a sua fortuna e a seu parentesco.

VI.

No escudo de armas dos Camanhos, ou Camões, encontro variedade. Aqueles papéis manuscritos que citamos no número 4 dizem que elas são um pino em campo roxo, com dez lanças fincadas no solo, cindo de cada lado. O Licenciado Molina, em seu livro do Reino da Galícia, diz que um braço posto nas mãos de um Anjo entre duas asas, tendo na mão uma coroa num campo de ouro. Argote, na Nobreza de Andaluzia, que três besantes de

prata, guarnecido cada um de três faixas roxas, e, por orla, oito aspás de ouro em campo roxo, e por timbre um braço e mão de Anjo, vestido de prata, com uma coroa de espinhos na mão, e as pontas ensanguentadas. Do livro de brasões reunidos pelo el-Rei dom Manuel se vê que as armas dos Camões em Portugal são uma serpente de ouro que vai passando entre dois penhascos de prata num campo verde. Que nos de Galícia se encontre variedade me dá mais cuidado, que o não se conformar em algo com os de Portugal, porque naquele tempo muitos Cavaleiros (isso consta) mudando de Reino, e Príncipe, mudavam de brasões; e assim é de crer que lhe tomou, da mão del-Rei dom Fernando, Vasco Pires de Camões, e devia eleger a serpente entre dois penhascos, por lhe estreitar a necessidade a se faze dos Príncipes, ou Reinos. E porque como ela se renova entre eles, ele se renovou nesta passagem, com as mercês que recebeu de nosso Rei. E por dita, que por gratidão delas eleger por brasão o timbre deste Reino, que é a serpente, por figura de Cristo, segundo o ordenou el-Rei dom Afonso Henriques. Sirva este discurso enquanto não tenhamos outra certeza.

Varia opiniões há sobre a causa do sobrenome Camões (palavra em que encontro muito antiguidade, pois já o padre da Poetisa Safo se chamou Camon, e também um lugar, segundo consta do capítulo 10 dos Juizes, ao princípio) uma é que foi a ave chamada Camon em Português, que é o Porfírio, mas parece (embora não seja forçoso) que lhe havia de ter por brasão se fora assim. O mesmo ocorre na obra, de procedesse e uma torre chamada Camões, ou Camanhos na Galícia, de que não encontro mais vestígios que os anotados no número 4 daquelas freguesias, e casa forte que possuíram. Outro tanto sucede à outra de que foi sua origem o pomo que em algumas partes de Portugal (principalmente próximas a Galícia) se chama Camões, que da Camuesa não difere na cor e gosto, ainda que difira na forma, por

ter ele mais um pouco de piramidal do que ela, e desta fruta é fértil Galícia, e pode ser que o fossem singularmente aquelas terras de que estes Cavaleiros eram senhores. A outra de Sebastian de Covarrubias Orozco em seu Tesouro da língua Castelhana, na palavra Camões, dizendo que este sobrenome resultou de um lugar com este nome em Portugal, é ao contrário: porque uma fazenda, ou morgado que se chama a Camoeira no Alentejo, tomou este nome do sobrenome dos Camões, que ali instituíram e hoje possuem: se já não o disse, informado de que na Província de Trás os Montes há uma vila com este nome.

No me posso conter que não me detenha em carear essas figuras dos brasões, e estas origens do sobrenome de Camões com a pessoa, qualidades e fortuna de nosso Poeta. No primeiro brasão encontro um Pino, que é árvore Príncipe no adorno, e pompa das casas de campo senhoris, isto foi o P. em sua Pátria: é árvore das consagradas a Deidades, ele o foi à do Parnaso; é árvore às fábricas marítimas. Ele nasceu com estrelas de as habitar: é árvore que lhe degolando uma vez não rebenta, ele degolado de desfavores suspendeu a cópia de sua Poesia: é árvore de fruto que necessita para ser lograda, as obras deste Poeta, que são seus frutos, necessitam de bom juízo, e entendimento para serem degustadas inteiramente: é árvore cujas folhas picam, e que deixa talvez caie uma pinha que fere: entre a copiosa formosura das Poesias de Luís de Camões, e singularmente deste Poema, há termos picantes, e estâncias que caíram nas cabeças de alguns, e não lastimaram poucos: é árvore que tarda em crescer, e dura muito crescida; o poeta demorou neste Poema, e durará nele com o mundo: é árvore em que o fogo se acende de boa vontade, formando chama grande, assim no Poeta a formou a mesma Apolo acendendo nele com igual força: é árvore de cuja espécie se fazem instrumentos musicais; logrou lhe o P. tão cabal como de coisa sua: é árvore que sempre sustenta suas folhas; o P. sua

estimação. Das lanças só diremos que o P. nasceu com elas, com elas viveu, não tendo menos airosa mão para a lança que para a pena, como é notório.

E se o brasão é um braço posto nas mãos de um Anjo, tendo na mão uma coroa no campo de ouro, como disse o Licenciado Molina, lhe quadra ao P. quanto pode ser: porque se pudera dizer que algum Anjo lhe foi levando a mão no divino se seus escritos, e lhe pondo logo na coroa o laurel que merecia por eles. E duvido se ele mesmo aludiu a isto quando disse que ali canta, por chamar Angélico a este canto, guiado daquela notícia: e o mesmo duvidou daquele lugar de sua Ode 7, dizendo deste modo:

Sempre foram engenhos peregrinos
Da Fortuna invejados,
Que quanto levantados
Por um braço nas asas são da fama.
Tanto por outro a sorte que os desama,
Com o peso e gravidade
Os oprime da vil necessidade.

Onde vejo bem que alude ao moço do Emblema de Alciato, com asas de um braço que lhe eleva, e peso grande no outro que lhe abate, porém, veementes suspeitas tenho que também alude a esta figura de seu brasão, em que se vê posto um braço entre duas asas nas mãos de um Anjo, e a sua fortuna, que podendo mais que seu nascimento ilustre, e engenho ilustríssimo, lhe arrasta e lhe deslustra. Baixemos um pouco as cordas do instrumento. Às virtudes Angélicas toca o amor, a música e a ciência; isso vemos ocorrer em um Poeta que tem por brasão um Anjo; porque ele se prezava de ser abrasado pelo amor da pátria, como vereis nas notas primeiras a este Poema, sobre o nome de Luís de Camões

que explicamos: e nas estâncias 154 e 155 do canto 10 preza-se da ciência e da música Poética: e em outros lugares que se verão na última nota a este Poema; como se nos dissera com tudo isso que em sua pessoa concorria o que em seu escudo ou brasão, e como nela há coroa, e com esta lhe faltou a pátria, e os Príncipes dela, desta falta se lastima muito na estância 81 do canto 7, dizendo que em troca das coroas que lhe prometia seu engenho (como se lhe havia dado sua qualidade) lhe deram tormentos.

E se a coroa deste brasão há de ser de espinhos com as pontas sangrentas, isto é o que justamente puseram na cabeça deste Poeta os donos da fazenda de Portugal: porque ainda hoje manando sangue a caveira deste grande homem, lastimada das asperezas, ingratidões e misérias com que foi tratado. Deixo as aspás e besantes e faixas, que também são insígnias que se poderiam acarear com seus martírios.

Porém sendo seu verdadeiro brasão em Portugal, a serpente entre os penhascos, ela símbolo da prudência, eles da austeridade, e selvageria, fica o Poeta sendo esta serpente metida entre o robusto e duro de seus naturais, que não lhe serviram mais que de descolar-lhe, sem o proveito que ela tira se sair vestida de novo depois de esfolada: senão pelas mãos da ímpia fortuna se estreitaram os penhascos ao passar a serpente, e miseravelmente acabaram de oprimi-la em vez de renová-la. Eu do mesmo Poeta o saquei. Ele nas últimas estâncias do canto 5 vai mostrando que um Capitão para ser perfeito há de ter estudos, que ordinariamente são os mestres da prudência, e nas também nas últimas do canto 10 disse de si que nele concorreu isto: e foi verdade se foi jactância. Logo o vereis aí feito a serpente, símbolo da prudência. E na estância 95 do canto 5 se ressenete de que Cavaleiros Portugueses, embora fossem valentes, não eram sábios, e com esta falta lhes chama robustos e duros. Cujá falta (ali) os faz duros e robustos. Logo vedes ali os penhascos, porque

deles são mui próprios esses dois epítetos. Segue-se que este nome de penhascos deu claramente a esses Cavaleiros, claro está: havendo-se, pois, dado a si próprio o de serpente, fica a história completa. A serpente entre eles, e deles esmagada. Todavia não de modo que o Poeta não quedasse sempre superior, porque furtando-lhes a volta com a fama, já que eles se a furtaram com a escassez, sucederam os seguintes elogios.

Serpente sim, entre penhascos, porém com o castigo para eles que do próprio Deus foi dado a ela, por haver enganado Adão, que anda a serpente arrastada, com falta de pés, e eles o andam da fama, por falta de ânimo. Serpente sim, porém como ela correndo, e enroscando-se, imita as ondas do mar, por mais que bateram essas ondas no Poeta, já estava convertido em penhascos de glória (havendo já tomado para si os de seu brasão) e em virtude de seu engenho ficou firme entre elas, como o escolho, ofendendo-as mais agora do que elas puderam então ofender, porque aparecendo sempre estável esse penhasco, o escolho, e continuamente tocado dos raios dos elogios que lhe ilustram, deixam muito mais levada toda a tormenta que lhe quis deslustrar. Mais: para a serpente é veneno a saliva do homem: os homens cuspiram nessa serpente com desprezos: porém como ela também para eles é veneno, o Poeta, que ela representa, o derramou sobre eles de modo que os deixou raivosos, curando-se com sua própria triaga do outro que ele lhe havia jogado. Com a serpente de metal se reparavam as mordeduras das serpentes vivas: coma a suade metal mais sublime, que é o ouro, e com o metal sonoro da fama se curou o P. de todo o veneno dessas serpentes, e melhor se a sua foi tomada do timbre Português, como notamos. Com a serpente em círculo se figura o tempo; dele tem tomado posse nosso Poeta, representando nessa serpente que em virtude de seu engenho vai fenecendo o círculo de um século, ao qual se irão unindo todos os que restam de duração ao

próprio tempo. A serpente se encanta e desencanta: esta se encantou com a opressão de motivos de lágrimas, e se desencantou com este canto de motivos de alegrias, admiração e elogios. Finalmente a serpente esfolada sai com novo esplendor à vida nova: esta, sobre tantos apertos, vive, resplandece, e vai correndo veloz pelos cumes da imortalidade, silvando, e pondo horror à própria miséria que o apertou; e à adversa fortuna que o fez desconhecer.

Venhamos agora a um e a outra origem que se dá ao sobrenome de Camões. Se quereis que seja a Ave chamada Camon, ela tem da natureza o morrer-se na casa em que a senhora dela comete adultério, com o disse o mesmo Poeta em suas redondilhas.

Experimentou-se alguma hora

Da Ave que chamam Camão

Que se da casa onde mora

Vê adultera a senhora

Morre de pura paixão

Tomando-o de Eliano no capítulo 2, do livro 4, se já não o tomasse de Opiano, por ser Poeta, que também o trata, podeis pois suspeitar que ao nosso Camon lhe antecipou a morte o ver adulterada de seus naturais a estima com que ele havia casado o seu engenho. Porém mais me parece ao Buho, sobre que descende airada a turba das outras Aves, parece que cegas na cópia de luz daqueles formosíssimos olhos com que sai em público, porque saindo o Poeta com o dilatado resplendor de sua Poesia, não viu sobre si outra coisa que a turba muita de ignorantes e de ingratos que lhe aturdindo lhe fizeram morrer infelizmente: pagando uma vida que não tinha culpa, e uma Poesia que tinha tantos resplendores, o crime da ingratidão, e da ignorância. Todavia, se era o Camon que morreu de ver aquele

adultério, está castigando os seus autores com seu triunfo, e levando em suas asas, que são as da Fama, a notícia de tal vileza, a para da grandeza de seu espírito. E se vos agrada mais o parecer-se ao Buho, a que tantos ingratos e néscios olharam com mau olho, de admirados por suas luzes, parecera que a Fortuna a modo de Caçador (que com essa Ave engana todas as outras, e as destrói, ficando ela sempre viva) usou do nosso Poeta com eles desse modo; pois eles depois de o mandarem embora foram mandados embora: ele eternizado, e eles extintos, como as Mariposas na chama, que querendo passar por ela, perecem elas, e ela vive.

E se vos inclinais a que seja a torre, ela é imagem da constância, batida das injúrias do tempo; e isto concorreu no Poeta que nenhuma lhe mudou o propósito de louvar os beneméritos, e do amor da pátria: a torre sói ser farol a navegantes, o Poeta aos engenhos; a torre sói ser força de que se acanhoneiam os inimigos, o Poeta faz isso aos seus, e aos de valor neste Poema: e finalmente esta torre em que se figura nosso Poeta parece-se à de David, da qual pendiam mil triunfos, pendendo delas todos os da Poesia formosa.

E se a origem foi aquela árvore, assim como ele no prêmio de dar seu doce fruto padece talvez o destroço da inclemência de um raio, ou bem do golpe de uma segura, assim o Poeta da doçura de seus versos, com que deu gosto a tanta gente, não viu por isso mais em sua pessoa, que raios e golpes inclementes da ingratidão, e da miséria. Porém cabendo a ele em sorte tal árvore, o que a muitos que depois de serem tão úteis foram tão infelizes, também lhe coube a de outros, que depois de cortados rebentam mais copiosos, e adquirem maior duração, porque o Poeta morto nesta miséria ressuscitou em sua mesma glória, fazendo matéria incorruptível ao gusano do esquecimento, e vendo desde seu cume esquecidos os que lhe trataram desse modo, e que quando

chegue a haver alguma memória deles, é como a de Erostrato, que a pretendeu com ser ruína de uma fábrica admirável: ou (porque não saíamos de árvores) como Milon, que querendo a um destruir, ele ficou morto em uma árvore, e a árvore viva em sua virtude.

E se atende menos à árvore que a seu pomo, e este pomo representou o Poeta foi parecido ao de adão em que todos pecaram, com esta diferença, de que o gênero humano pecou por o comer, e o Português por não lhe dar de comer. Ou foi o pomo de ouro da discórdia havendo de ser do aplauso: mas ultimamente foi o Pérsico, *melhor tornado no terreno alheio*, como o Poeta disse na estância 58 do canto 9, porque nas terras estranhas lhe estimaram mais que na sua.

VII.

Voltemos dos elogios à história. A Universidade de Coimbra é fundação de nosso entendido Rei dom Dinis, que, com prêmios grandes, trouxe a ela grandes Mestres em toda sorte de ciências. Havendo caído deste cume, a reparou o nosso não menos político Rei dom João, o terceiro, que também, com alentos Reais, fez correr a ela doutíssimos sujeitos, que a restauraram felizmente. Destes ouviu nosso Poeta suas letras, que chegaram à Filosofia, fundamento de todo saber, quando sobre ele se levanta um engenho tão sublime. Com este, e bom emprego nas humanas, começou a exercitar-se na Poesia, prometendo de seus princípios raros fins a quem lhe olhava com juízo. Com estas letras e adornos, juntos às qualidades de Cavaleiro, e galã, e entendido sobremaneira, passando a Lisboa reuniu atrás de si o melhor da Corte, e principalmente a formosura, porque foi muito estimado, e favorecido, pelas damas. Ao som de seus favores (apetitosíssimo instrumento dos engenhos) escreveu a maior parte de suas Rimas, e deste Poema. E há tradições que uma do Palácio foi a causa de seu desterro, porque perdido por ela, e fazendo-a perder por si, foi o remédio lhe apartar. Deste apartamento se lamenta naquela

formosa Elegia que começa: *O Sulmonense Ovidio desterrado*, etc.. Recordando-se daquele dulcíssimo Poeta que sofreu a mesma Fortuna, e chorando-a como ele, disse logo

A vida com que vivo desterrado

do bem que noutro tempo possuía, etc.

O lugar deste desterro não está claro, ainda que mais adiante disse, que desde onde estava via ao Tejo, assim:

Vejo o puro suave, e brando Tejo

com as côncavas barcas que nadando

vão pondo em doce efeito o seu desejo.

Dali falo coma água, etc.

E isto nos persuade a que creiamos que devia estar na vila de Santarém, de que era natural sua mãe, e vizinhos seus parentes; e teria ali alguns a que poder-se arrimar, quando já não tivesse a ela. E como essa ilustre vila está eminente ao Tejo, que se vem caminhar a Lisboa, onde estava a causa do seu desterro, dizia às águas sua tristeza, para que elas lá a dissessem a sua senhora; e chorava ele não poder ir a ela com elas: invejando o vê-las ir aonde ele não podia.

VIII.

Finalmente devia perder as esperanças de voltar a Lisboa, e resolveu-se a servir na guerra. Passou para tal efeito à cidade de Ceuta, por ventura convidado por don António de Noronha que passava para lá, ou assistia naquela praça: Calheiro de grandes qualidades, e singular estimador das do Poeta. Ali escreveu outra Elegia excelente, que começa: *Aquela que de amor descomedido*, etc. onde diz desse modo:

Ando, etc. ao longo de uma parai, etc.

subo-me ao monte que Hércules Tebano

do altíssimo Calpe dividiu, etc.

E esse monte que Hércules dividiu do Calpe, e a que nosso Poeta subia, é o Abila em Ceuta, desde o qual disse estava registrando antiguidades Africanas, assim:

Dali estou tanteando aonde viu

o pomar das Hespérides matando

a serpe que a seu passo resistiu.

De maneira que claramente consta destes lugares que assistia em Ceuta quando os escreveu. E devia ser isto pouco tempo antes de sua passagem à Índia, que foi no ano de 1553, pois ainda se encontrava em Ceuta dom António de Noronha, a nova de cuja morte ali chegou à Índia no ano seguinte: e ele a chorou logo em sua grã écloga I, como adiante mostraremos.

Servindo na África, como não tinha nada de covarde (segundo consta de quem o conheceu, e de sua primeira carta, em que se preza de que nunca ninguém lhe viu as plantas dos pés, havendo ele visto a de muitos) expunha-se aos perigos, e tirou por testemunho disso, o tirar-lhe o olho direito com uma centelha, ou brasa lançada de um canhão aceso, e disparado pelos Mouros no estreito de Gibraltar, sobre uma fusta em que andava peleando ao lado de seu pai, do que parece que ele seguir neste exercício foi a ocasião verdadeira de sua passagem a Ceuta. Na admirável Canção 10 disse algo disto, queixando-se do amor, não porque ele lhe tirasse essa chama, senão porque lhe levou aos tiros delas, o haver ele atirado tanto com suas flechas: pois de amar tanto àquela dama lhe resultou aquela vida, assim:

Fez-me deixar o pátrio ninho amado

Passando o longo mar, que ameaçando, etc.

Agora experimentando a fúria rara

de Marte, que com os olhos quis, que logo

visse, e tocasse o acerbo fruto seu.

IX.

Bem pondera o Chantre que isto foi na África, e não na Índia, pois chegando ali, e escrevendo sua carta 1, diz: *Manuel Serrão, que sicut et nos manqueja de um olho*. De que se vê claramente que já ia cego daquele olho, do Reino, pois fala da Índia onde acabava de chegar, como de coisa que trouxera dele, e que nele era notória.

Voltou de Ceuta à Corte, trazido por ventura de seus desejos amorosos, com achaque de pedir algum prêmio de suas ocupações militares, e mais trazendo na melhor parte do rosto por testemunho vivo delas uma luz morta. Ao menos com este alegava ele à dama defunta seus méritos amorosos, pois no Soneto 19, que é à morte dela, diz:

..... Aquele amor ardente

que já nos olhos meus tão puro viste.

Aludindo a que Marte lhe ofendeu nos olhos, porque o amor dela lhe entrou tanto por eles, que o fez ir aonde se os pudessem tirar. E assim se há de entender esse pedaço daquele Soneto, não somente com a propriedade do amor, que particularmente senta praça nos olhos.

Mas voltado o Poeta à Corte, venho a achar-se com tantos inconvenientes para lá continuar, que se resolveu a passar à Índia, a prosseguir com o exercício das armas, de que se preza ma estância 155 do canto 10. *Para servir-vos braço às armas feito*, falando com el-Rei Dom Sebastião. Os inconvenientes, parece,

foram ver-se adiantado pouco com a Poesia que soberanamente exercitava; e com singularidade algumas pendências, como dá a entender na carta 1, que de lá escreveu, dizendo, *que agradece a si próprio o haver sabido fugir dos perigos que em Lisboa lhe armavam os sucessos, os humores e as línguas*. Ainda há quem queira que, todavia, voltaram a acender-se os amores do Palácio, e que ajudaram a esta segunda ausência. Quem haja sido esta dama não consta, consta que o Poeta com reбуço, e cautela, diz o nome de Violante no Soneto 13, e isto insinua perigo em declarar-se, ou cuidado em encobrir-se. Agora deixo aos devotos de ladainhas de damas Palacianas, o recordar-se, ou averiguar as que se chamaram Violante no Palácio, voltando uma dúzia de anos atrás do de 1553, em que o P. se embarcou que será desde o de 1541, e sem dúvida poderão assim vir ao conhecimento da tal Violante, se é que a houve. Todavia o Licenciado João Pinto Ribeiro entende que ela se chamava dona Caterina de Almada, sua prima, e que a celebrava com o nome de Natércia, cifra do de Caterina, como do Soneto 70 parece:

Quando Liso pastor num campo verde

Natércia, crua Ninfa, só buscava

E sobre esta advertência noto eu que também o nome de Luís, que também se escreve Lois, está no do pastor Liso: e o declarar que estava em um campo verde parece o assegura melhor aludindo o Poeta a que a serpente, que é seu brasão, em campo verde está.

Seja como for, o Poeta saiu de Lisboa para a Índia tão escandalizado, que levou propósito de não voltar à pátria, crendo se vingava assim dela, pois na própria carta diz, que ao sair do porto disse aquelas notórias palavras de Cipião Africano: *Ingrata pátria non possidebis ossa mea*, e como o Filósofo, que desterrado de sua cidade disse, *que se lhe condenavam a que não vivesse nela, ele a condenava a que se estivesse sem ele*. Porém mudando

de parecer (que ao fim pode tanto o amor da pátria) voltou a ela e morreu tão cheio de amor por ela em Lisboa, que se crê ter sido a última coisa que escreveu, uma carta que contém estas palavras: *Enfim acabarei a vida, e verã todos que fui tão afeiçoado a minha pátria que não somente me contentei de morrer nela, mas de morrer com ela.* Mostrando claramente que se recordava dos intentos com que saiu de Lisboa para a Índia, e que se havia dito as palavras de Cipião, não as havia executado, e que havia podido menos com ele a ingratidão, do que o amor da pátria. O último que aí diz foi porque se via espirando em uma triste cama, ao tempo que sobre a coroa Portuguesa se estavam jogando sortes enquanto que (ó dor eterna) a tinha a inútil velhice do Cardeal don Henrique, e estava antevendo o Poeta sua ruína, e por isso a chama morta.

X.

Passando, pois, o Poeta a buscar a vida aonde seu pai havia encontrado a morte (auspício mal se as fortunas se herdassem, embora as adversas não estão tão longe disso como as prósperas) se embarcou na nave de Fernando Álvares Cabral, que ia por Capitão de quatro. Era isto o ano de 1553, e da idade do Peta 36, havendo nascido pelos de 1517. Tinha o Vicerreinado da Índia do Afonso de Noronha, com quem logo se embarcou o Poeta em uma poderosa armada com que ia em socorro dos Reis de Cochim, e de Porcá. Dize-os o mesmo Poeta em sua Elegia 1, em que com estilo valente escreve os sentimentos da partida, e os perigos da navegação, e depois aquele primeiro emprego militar, assim:

Desta arte me chegou minha ventura

a esta desejada, e longa terra, etc.

Foi logo necessário termos guerra, etc.

Que uma ilha que o Rei de Porcá tem
que o Rei da Pimenta lhe tomara,
fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem, etc.

E também que nos dias depois de chegados foram reduzidas a fogo aquelas ilhas que o Rei da Pimenta queria usurpar, e ele estreitado a pedir misericórdia.

O ano 1555 passou o Poeta ao Estreito de Meca, sobre que se levanta o monte Félix, em uma armada de que foi Capitão Manuel de Vasconcelos, onde se deteve algum tempo. Consta isto de sua canção 9, em que elegantemente descreve aquele pedaço do mundo, e toda sua alma entregue ao sentimento da ausência de seus amores.

Junto de um fero seco, estéril monte, etc.

cujo nome do vulgo introduzido

é Félix, por antífrase infelice, etc.

Aqui nesta remota, áspera, e dura

parte do mundo quis que a vida breve

também se si deixasse um breve espaço,

porque ficasse a vida

pelo mundo em pedaços repartida.

Porém não a compôs ali, com pensa o Chantre, pois diz o Poeta: *Aqui me trouxe um tempo, e tive minha ventura*. Em que fala já do passado; e toda ela é relação que faz a sua amada, de que esteve ali, como quem já se encontrava em outra parte, que devia ser em Goa, onde é certo se veio a recolher a armada em que para lá passou, e onde o ócio pode dar lugar a esta ocupação, e a outra que trouxe nova inquietude, porque escreveu uma sátira que intitulou: *Disparates*, e depois outra que chamou: *Relação de*

festas em Goa, e andam em suas Rimas, e contém motejos de alguns vícios de pessoas que naquele tempo não eram as últimas da cidade: e resultando queixas disto, resultou delas prendê-lo, e desterra-lo para a China Francisco Barreto, que governava a Índia no ano de 1556. E este é o mandato que o Poeta chamou injusto, e de que se lamenta na estância 128 do canto 10, havendo já tocado nisto na 80 do 7. E depois o mencionou na canção 10 desta maneira:

Enfim não houve transe de Fortuna, etc.

(injustiças daqueles que o confuso

regimento do mundo, antigo abuso

faz sobre os outros homens poderosos)

Que eu não passasse, etc.

E em suas primeiras admiráveis redondilhas tem por tão injusta esta pena que mostra desejar, por vingança contra quem se a deu, a notícia perpétua de tanta injustiça, dizendo que deseja vê-la esculpida em matéria imortal, assim:

A pena deste desterro

que eu mais desejo esculpida

em pedra, ou em duro ferro, etc.

Esta pois foi a causa de sua estada naquelas partes onde viu parte do que descreve em algumas estâncias do canto 10, e também a canção 6 entra o descrevendo, e dizendo que nela esteve carregado de seus pensamentos, tristezas e fortuna sempre adversa.

XI.

Depois passou a Macau com o ofício de Provedor mor dos defuntos: onde com o descanso devia dar alguma boa mão a este

Poema, pois já quando saiu perdido no porto, à margem do rio Mecon, falou como de coisa concluída, dizendo na estância 128 já citada, que ali salvou esta obra que trazia consigo. Havendo saído náufrago naquela praia do Mecom, ou bem do seio amplíssimo em que ele desemboca, e entra no mar, por onde vinha navegando, e encontrando-se em miséria extrema, e procurando reparar-se, se deteve alguns dias convidado de humanidade, e abrigo que encontrou naquela terra, como parece, da própria estância 128. *Este receberá plácido e brando.* Aqui se crê haver escrito aquelas admiráveis Redondilhas, a imitação do Salmo: *Super flumina Babylonis*. E, na verdade, elas são tais que bem mostram ser filhas e espírito que a poder de trabalhos estava fortemente entrado em arrependimento de culpas, porque sem impulsos semelhantes no há escrever coisa tão boa, nem na tristeza nem na alegria.

XII.

Reparado o Poeta voltou a fiar-se ao mar, e chegou a Goa, segundo parece, no ano de 1561, tendo o cetro da Índia o Vice-Rei dom Constantino de Bragança (irmão do Duque dom Teodósio) a quem o Poeta foi mui afeiçoado, e celebrou naquelas boníssimas estâncias que andam em suas Rimas, oferecidas ao mesmo Vice-Rei, que sempre lhe fez muita mercê, como seu irmão; e por ventura que o ver-lhe com o governo da Índia o trouxe mais presto a ela de Macau. Viveu o Poeta contente enquanto aquele excelente varão a governou, que foi pouco, e ainda isto foi menos que o acabar-se (acabado seu governo) a modéstia Portuguesa em toda a Índia, porque depois dele não foi mais vista: dando-se todos desenfreadamente à cobiça, sem poder o reparar o Conde de Redondo, que o sucedeu, e favorecia também, como grande Cavaleiro, a nosso Poeta. Todavia não bastou este favor para o livrar de que fosse acusado de culpas que lhe impunham, cometidas no cargo de Provedor que teve em Macau (e que parece com a presença de dom Constantino não se escutaram)

nem de que fosse preso. Do cárcere se mostrou sem culpas, porém não sem dívidas, porque uma Miguel Rodrigues Fios-secos o embargou na prisão por algumas: sobre isso o Poeta dali escreveu umas cobras ao Vice-Rei, que andam na segunda parte de suas Rimas, e começam;

Qual demônio é tão danado,
que não tema a cutilada
dos Fios secos da espada
do Fero Miguel armado?

E também se vê destas, e outras obras, que na corrente dos trabalhos se estava burlando deles, coisa mui própria dos homens tão grandes como este, que sobrepujam com o ânimo a Fortuna: ainda que nisto de dever, e burlar-se daqueles a quem se deve, não lhe faltam hoje muitos companheiros a nosso Poeta sem as qualidades, todavia, de sua grandeza, que se aos olhos da vaidade e da ignorância luzem pouco, aos da razão e da fama são as primogêntas da glória. Livre o Poeta continuou a servir nas armadas, como os outros Cavaleiros, sempre com singulares mostras de valor.

XIII.

Achando-se pobre, e oferecendo-lhe bonanças Pedro Barreto, que passava a ser Capitão Sofala (sem se recordar do mal que lhe havia tratado tal sobrenome, pois Francisco Barreto lhe havia lançado na China) se foi com ele. Mas como promessas de homens ordinariamente são vãs, como fundadas em caprichos de que logo variam, o Poeta o experimentando, tomou por resolução entrar-se em uma nave que ali havia chegado de passagem para o Reino, em que vinham Heitor da Silveira, António Cabral, Luís de Veja, Duarte de Abreu, António Ferrão, e outros Cavaleiros. Porém estando de acordo com eles, o experimentou melhor, porque

Pedro Barreto, que não lhe havia feito aquelas promessas para o melhorar com a execução delas, senão para entreter-se com a grandeza de seu engenho (lastimosa desgraça que um homem a quem Deus fez grande sem poder, se veja reduzido a depender, e ser entretenimento de outros, a quem a fortuna fez poderosos sem grandeza), vendo se ia lhe pediu como dívida duzentos ducados, que com ele (disse) havia gasto em trazer-lhe àquela praça: e estes Cavaleiros que lhe queriam trazer o resgataram, e o trouxeram, de maneira que a um mesmo tempo a pessoa de Luís de Camões e a glória de Pedro Barreto foram vendidas por esse preço. Entraram no porto de Lisboa no ano de 1569, em que toda ela estava ardendo empestada, para que sempre o Poeta fugindo de uma viesse a parar em outra. Já então tinha el-Rei dom Sebastião tomado o governo. Embora o Chantre diga que não, porque vindo (como ele confessa) Luís e Camões no ano de 1569, el-Rei havia começado a governar no de 68, e com a idade de quatorze.

Em rever este Poema, e conseguir a graça do Rei dom Sebastião para lhe publicar com algum favor seu, se passaram três anos, e o publicou em 1572, dando com ele um estalido em todos os ouvidos, e um resplendor em todos os olhos dos que tinha ciência sem arrogância. Mas quem é arrogante que possa ser ciente? Que não é crível ver quantos há que pretendendo que estimemos muito o que fazem, desestimam quando veem feito. Torpíssimo engano! Ao fim pasmou-se Europa, porque ao fim em toda ela não havia saído Poema heroico (que não fosse Grego ou Latino) com acerto. Porque se o Ariosto havia empunhado a palma da eloquência, facilidade, doçura, e termos Poéticos, nosso Poeta se a arrebatou das mãos, ao ter o memos avantajado em partes e melhor ordem em tudo. Torquato Tasso veio depois, e assim não tem glória que não seja segunda à de Luís de Camões, que pelo que já acabamos de dizer, é o pai da Poesia da Europa depois dos

Gregos e Latinos que mereceram nome por ela; e que primeiro correu neste nesse Círculo, e felizmente imitou, e ainda venceu em algo a grandeza Virgiliana. E porque não falta quem duvide de que nosso Poeta foi o primeiro que o Tasso, convém saber, que não o foi menos que com 27 anos de distância, porque o Tasso, como consta de seu enterro, que vimos na Igreja de São Onofre desta cidade de Roma, nasceu no ano de 1544, havendo nascido o Camões pelos de 1517. Eu averigui quando estampou pela primeira vez o seu Poema, ainda que não o encontrei em pessoas de boas informações. O certo é que se imprimiu no ano de 1581, e ainda não inteiro então, porque na impressão do ano de 1582, que foi em Veneza, como a outra, diz Célio Malelpina, na dedicatória escrita este ano ao Senador João Donato, que agora lhe oferece inteiro o Poema de Tasso, que no ano anterior o havia oferecido não inteiro, tal era a fama daquele escrito, que o fez imprimir à primeira vez imperfeito, assim como o puderam coligir, e neste mesmo ano já o Tasso estava sem juízo, como o confessa Felipo Pigafeta, no discurso que se segue àquela carta. Depois que o Tasso voltou algo em si, deu à estampa a *Conquistada*, no ano de 1592, parecendo-lhe que se vingava dos que lhe imprimiram a *Liberata* sem seu consentimento, e de seu Mecenas, de quem não se achou satisfeito. De modo que esta segunda obra tirou ele mais de 20 anos depois de haver visto a de Camões, e a primeira com quase dez, porque este Poema foi impresso a primeira vez em 1572, como já disse. Concorrem a isso as imitações, que seria duro de negar, do Tasso em lugares dos que mais o ilustram, como se verá por todo esse comentário. Assim se vê que o Camões não alcançou a ver o Poema do Tasso, pois morreu dois anos antes de sua impressão.

XIII.

Depois da impressão deste Poema se revolveram as coisas no Reino de maneira com a passagem de el-Rei dom Sebastião a

África, no Poeta com seus desgostos e enfermidades e para ser triste, ainda não lhe bastaram sete anos que viveu depois, fugindo até do desafogo dos atormentados, que é a queixa; porque em todo aquele tempo não se encontra que escrevesse coisa alguma de gosto, e de pena poucas. Assim veio a morrer em um Hospital (dizem alguns) que é a executória da miséria, e quando fosse em alguma casa de pousada, como parece, pois (dizem outros) lhe enviou um Cavaleiro o lençol, no qual lhe envolveram para o enterrar (e isso não se sói enviar aos Hospitais a esse ponto) não é executória menos castigada desse gênero. Fosse onde fosse a cama, ele a ocupou em tal estado que em uma carta que ali escreveu, já sem esperança de vida, disse entre outras coisas: *Quem ouviu dizer nunca, que, em tão pequeno teatro como o de um pobre leito, quisesse a fortuna representar tão grandes desaventuras? E eu, como se elas não bastassem, me ponho ainda de sua parte, porque procurar resistir a tantos males pareceria espécie de desavergonhamento.* Aquele de pobre leito claramente dá a entender que foi em Hospital, cujas camas com propriedade se chamam pobres, ainda que fossem ricas, porque são de pobres e desamparados da fortuna, e o P. as chama assim na estância 23 do canto 10, quando diz: *Morrer nos Hospitais em pobres leitos,* E veja-se o que lá dissemos. Eu verdadeiramente me compadeço muito do Poeta, quando me ponha a contempla-lo no transe dessas palavras, porém muito mais, sem comparação, da pátria, onde se viu usar isto com um tal homem. E se o dizê-lo de alguma maneira pudera ser dele, o vingaremos de boa vontade. Mas como o próprio adverte na estância 98 do canto 5: *A muitos lhe dá pouco, ou nada disso.*

XV.

Depois de sua morte alguns anos, o Licenciado Fernando Rodrigues Lobo Soropita (Letrado, não dos que ainda são bárbaros

nas mesmas letras, se não engenhoso, e grã Poeta, e Cortesão) juntou e ordenou o principal que então pode achar das Rimas várias do Poeta, e as fez imprimir no ano de 1595. Nas edições seguintes se foram acrescentando algumas coisas, e também retirando algumas, com mais impertinência que importância, como também neste Poema se retiraram seis, ou sete, que já não se retiram, porque tão grandes homens como este, em letras, juízo e qualidade, não dizem coisa que não seja para ser dita. Modernamente se estamparam no ano de 1616 outras Rimas com seu nome, e título de Parte Segunda das suas, em que bem parecem seus os Sonetos, uma Elegia, uma Canção, e uma Ode, e poucas Redondilhas, e duas Comédias das que se usavam então, uma é em parte tradução do Anfiriões de Plauto, outro aos amores de Filodemo. O demais não é seu, e menos os três Cantos da composição do homem, porém é em um livreiro cobiça de mais fazenda o apropriar a um Varão famoso escritos alheios, como em um cobiçoso de honra o usurpar o sobrenome e brasão que não lhe toca. Crime com boa desculpa, porque os grandes sobrenomes, e os Autores grandes, antes ficam honrados que diminuídos, nessa, que, ao parecer dos que alcançam pouco se figura afronta.

XVI.

Como o Poeta peregrinou tanto, desejamos averiguar as terras, e o tempo do mundo, e de sua idade em que escreveu estas obras. Deste Poema não há dúvida que tinha escrito muito quando passou à Índia, e que desde os primeiros anos o teve na ideia, porque na égloga 5, que se intitula de sua puerícia (e o parece, embora com boníssimas luzes, que a fazem Aurora benemérita do grande resplendor que atrás de si trouxe) entra a estância 4, assim:

Enquanto eu aparelho um novo espírito,

e voz de Cisne tal que o mundo espante.

E na écloga 4 que também é de suas primeiras coisas, invoca a dama (devia ser a Violante que celebra no Soneto 13, ou a Catarina no 70) e diz assim:

Podeis fazer que cresça de hora em hora
o nome Lusitano, e faça inveja
a Esmirna que de Homero se engradece.

E isto claramente é falar deste Poema que já trazia entre mãos, porque Homero somente por semelhantes obras é conhecido. E assim como invocou o favor da sua dama para esta écloga, a invoca no princípio do Poema (e por ventura já a tinha invocado quando a invocou na Écloga, porque isso supõe o dito nesses três versos), pois entra na estância 3 dizendo; *E vós Tágides minhas, etc.* Não haja dúvida o plural, que pelo singular ser frequente entre os Poetas. A Ode 7, escrita a dom Manuel de Portugal, também é do tempo antes de passar à Índia, e já fala deste Poema como de coisa que andava na frágua, e tinha já forma, e louvor, quando diz:

O rudo canto meu que ressuscita
às honras sepultadas
as palmas já passadas
dos belicosos nossos Lusitanos
para tesouro dos futuros anos, etc.

E ainda que se pode dizer que o Poeta escreveu esta Ode depois de haver voltado da Índia, porque dom Manuel vivia então, e ainda viveu muito depois, os termos dela mostram que a escreveu antes, singularmente quando diz:

E sacro o nome vosso

farei se alguma coisa em verso posso.

E esta oferta não era feita depois que o Poeta veio da Índia, porque já então tratava tão pouco disso, que respondeu a Rui Dias da Câmara, pedindo-lhe uma obracinha, que já não estava para isso, como veremos adiante: e ainda parece que o Poeta tinha pensamento de oferecer o Poema a dom Manuel, quando o compunha, porque lhe diz também ali:

Por Mecenas avós celebros e tenho,

E abaixo o encarrega o ofício de Mecenas

..... O rudo canto meu, etc.

Convosco se defenda

Da lei Leteia, a qual tudo se rende.

As estâncias com que capta a benevolência ao rei dom Sebastião ao princípio, e as com que o aconselha no final, claramente, se escreveram depois que chegou da Índia. O mesmo cremos daqueles com que repreende o mesmo Rei, e os Ministros, e o Governo, ao fim do canto 5, ao fim do 7, e às 54-55 do 8, e as 4 da 26 do 9. O canto 10 mostra que se escreveu na Índia quase todo, e particularmente na China, ou Macau, onde esteve descansado com aquele cargo de Provedor, e escreve aquela Geografia, e o notável da terra, como quem viu dela boa parte. Aquela estância 128, em que se lamenta de seu naufrágio, do mal que o tratavam, parece ser escrita no porto do Mecom, logo que saiu ali, e que foi isto no ano de 1560, e com a idade de 43, (conforme à conta que deixou feita) e corresponde este número com o que ajustamos sobre a estância 9 do canto 10, e na 145 do mesmo, com as ponderações que fazemos a este propósito sobre dois lugares seus.

De maneira que o crer-se que a maior parte deste Poema ia escrito de Portugal quando passou à Índia não é difícil; e menos o ver que desde os seus primeiros anos o começou, porque as duas Éclogas 4 e 5, em que já nos dava notícias dele, são deles, como logo se verá, e quando não o começasse senão aos 20 (que em tão vivo e ousado engenho é bem crível) o trouxe entre as mãos 30 anos, pois nascendo por 1517, e imprimindo-o em 1572, são 55, e tirados os 20 restam 30 e quando menos 20. Se nos houvéramos de deixar crer (eu ao menos não o duvidarei muito) que o Poeta escreveu este Poema incitado por haver lido as primeiras duas Décadas de João de Barros, porque totalmente vai atrás dele no histórico, e no estilo o imita em algumas partes, como deixo descoberto nas Notas. Ainda de crer é, sendo homens tão grandes nos estudos, e enamorados de um mesmo assunto, que se comunicariam, e que muito antes que Barros imprimisse as Décadas, as veria em suas mãos o Poeta. E quando não fosse assim, havendo elas impresso no ano d553, ainda fica em pé o que dissemos de que o primeiro bosquejo se fez em Portugal neste tempo que correu, desde a impressão das Décadas até sua partida, e também se lhe deu em Lisboa a última lima, pois o Poeta se deteve dois ou três anos antes que se imprimisse em 1572. E assim quando menos são vinte os que trouxe consigo este Poema. Mas a verdadeira conta é que são 30, e ainda mais, porque estas duas Éclogas que já dão sinais dele são notoriamente de sua puerícia, e esta não chega aos trinta e cinco anos de idade, que o poeta tinha quando saíram as Décadas, ou trinta e seis, quando se embarcou para a Índia. E os outros versos que aí ficam citados de sua Ode 7 mostram que o Poema já tinha forma, e opinião quando o Poeta a escreveu, e isto não se podia conseguir em um ano que houve da impressão das Décadas a sua passagem. E, pois, a puerícia não chega aos vinte anos nem nas contas mais largas, e aquelas duas éclogas são dela, e dão já esperanças deste preciso Poema, parece que creiamos que lhe principiou aos vinte anos,

como aí dissemos. E não faz contra isto o imitar nele as Décadas, que não se imprimiram senão em 1552, porque as pode ver antes nas mãos de João de Barros, como também dissemos. E também pode ter acabado o poema quando saíram as Décadas, e vendo que nelas havia lugares dignos de a seguir os ir inserindo. E assim é conta mais ajustada que o Poeta trouxe esta obra trinta anos entre as mãos, compondo-a, limando-a e lambendo-a. Finalmente concludo que o Poeta não dissera na estância 79 do canto 7 com uma grã representação de largo tempo o muito que havia que andava cantando esta ação, se não fora o que dissemos, pouco mais ou menos. Diz dessa maneira:

Olhai que há tanto tempo que cantando

O vosso Tejo e os vosso Lusitanos,

A fortuna me traz peregrinando,

Novos trabalhos vendo e novos danos.

E disto se vê que o Poeta estava ainda na segunda peregrinação, que foi a Ásia, pois disse me traz e não me trouxe: havendo sido a primeira a África, segundo já mostramos. Pois se o Poeta disse isto na Índia, e quase ao fim deste Poema (pois é no fim do canto sétimo) segue-se que o mais dele levava escrito do reino, e que nele havia já notícias deste canto, pois falando com as Ninfas do Próprio Reino nesses versos, lhes fala desta obra como de coisa que elas haviam visto já antes de sua ausência. De maneira que sempre ela lhe levou os anos que dissemos. E fábrica tão grande em cuidado, acertos, harmonias, e mistérios, não havia mister menos tempo, antes ainda se deve ter por mais breve para ela, que os onze para as Termas de Diocleciano. E também não são muitos para que advirtam os que lhe acham defeitos, e façam um poema cada semana, quantas serão as perfeições dele. Eu o que quis imitar nisto, já que não pude em sua bondade, pois passa de 24 anos que trago entre mãos este comentário. Oxalá seja tão são

quanto é velho, que a velhice (já o experimentais) nem sempre satisfaz a seus encargos, sendo o primeiro a sanidade.

O bom deus como favorece as honestas ocupações, ó judiciosos Leitores, amigos de descobertas de monumentos doutos! Até aqui tinha eu discorrido com meus pensamentos, e conjunturas sobre isto do que tardou nosso Poeta nesta Música, quanto ao ponto que se iniciava a impressão destes Comentários encontro casualmente dois manuscritos deste Poema. O primeiro, e de mais estima, apareceu entre uns livros velhos de Pedro Coelho, livreiro nesta corte de Madri; é uma cópia dos primeiros seis cantos, escrita antes que o Poeta passasse à Índia, com i que me acho mais contente que um ignorante, mais louco que um enamorado, e mais soberbo que um rico. E porque ela me honra grandemente, confirmando o muito que por conjecturas, e juízos havia dito sobre o Poeta, e sobre o Poema neste Comentário, referirei particularidades dela. Primeiramente está escrita em boa letra, e conhecida, porque é a mesma de João de Barros tinha escrita a sua quarta Década, que eu vi: e sua Geografia de que tenho dois cadernos: e de que eu tive escritas as obras de Francisco de Sá de Miranda, que vieram a cair na livraria de um Calheiro que mostrava estimar livros, desestimando muito os Autores deles. Termina esta cópia com esta declaração: *Estes seis cantos se furtaram a Luís de Camões da obra que tem começado sobre o descobrimento, e conquista da Índia pelos Portugueses. Vão todos acabados, exceto o sexto, que posto que vai aqui o fim dele, falta-lhe uma história de amores que Leonardo contou estando vigiando, que há de prosseguir sobre a Rima 46 onde logo se sente bem a falta dela, porque ficaria, e curta a conversação dos vigiantes, e o próprio canto mais breve que os outros.* Logo comuniquei este grã achado ao dom Tomás Tamaio de Vargas, aos Doutores João Salgado de Araújo, Abade de Pera, frei Francisco Brandão, Miguel de Vim Bodino, e ao Licenciado João Pinto

Ribeiro, que se encontram nessa corte, e que com seu grã desejo dos grandes estudos me invejaram esta dita, e estiveram por grã espaço atentos a mirá-la, e revolvê-la, estimando-as muito mais, quando viram nela muitas estâncias que não estão no Poema impresso, e muitas emendas, e muita variedade. E porque de tudo isso se vê patente muito do que eu pretendia vencer com argumentos, anotarei algo dele. Seja o primeiro o tocante ao que aí acabei de tratar, de que o Poeta trouxe esta obra entre mãos alguns trinta anos. Isto confirma bem o ver-se que esta cópia é de antes de sua partida para a Índia por estas razões. Isso é certo, que da Índia trouxe o Poeta acabado este Poema, e logo que, chegou tratou de imprimi-lo, sendo isto assim, como é, nem havia já ânsias de o copiar, nem se encontraram somente seis cantos com tanta variedade, e faltas, e sobras, nem dissera a declaração do copiadador, ou de quem o mandou copiar, que eles eram da obra que o Poeta tinha começado, se este furto não se lhe fizera antes de sua partida para a Índia. Prova-se também que a começou moço, porque algumas das estâncias reprovadas têm de pueril, como em seu lugar diremos. Prova-se também com esta cópia o que dissemos da mesma estima que se fazia deste Poema, ainda antes de acabado, pois assim como ia escrevendo se o iam furtando. Prova-se da mesma sorte o dito de que limava, punha e tirava muito, pois não sendo este já os primeiros, nem ainda seriam os segundos rascunhos, apenas há estâncias nestes seis cantos que não tenha alguma alteração no que se imprimiu e em muitas delas notavelmente, como veremos nas lições várias que porei à parte, e nas estâncias que mudou inteiras, ou tirou, ou ajuntou, que porei em seus lugares, e são estes. No canto 1, acrescentou a estância 32, A 77 é quase toda diferente; e entre esta e a 78 tirou duas, e acrescentou uma, que é a mesma 78, e fez notável mudança na 79, e depois da 80 tirou outra. No canto 2 não há alteração no número das estâncias, embora a haja em muitos versos. No 3 a há deste modo. A e. 10 é mui outra: entre

ela e a 11 havia outra; a 12 também tem muita diferença, tem-na também a 21, a 29 é toda mui outra, e notável a mudança; a 67 quase outra, a 117 é toda acrescentada, assim as 140, 141. No canto 4 tirou três estâncias entre a 2 e a 3, os primeiros 4 versos da 8 são diferentes, tirou uma depois da 11, e outra depois da 17, a 25 é totalmente outra, embora trate da mesma sentença, outra tirou depois da 27 e depois da 33 outra, e depois da 35 tirou três, que nomeavam alguns Portugueses mortos no princípio da batalha de Aljubarrota, a 38 acaba com grã diferença, e depois dela condenou outra, pondo outra por ela. Depois da 40 tirou 8 juntas que nomeavam alguns Castelhanos dos que também morreram. Depois da 44 tirou duas. A metade da 49 é outra mui diferente, e logo tirou duas, a metade da 61 também é mui outra, e outra reprovou depois da 66 e duas depois da 86. No canto 5 é acrescentada a e. 12. No c. 6 tirou uma e. depois da 24. Na 26 faltavam dois versos. Depois da e. 41 reprovou cinco, e a ordem que levava, mudando-a, como lá veremos. A 81 quase toda é diferente. Depois da 94 tirou 7 com que fenecia o c. e pôs no lugar delas 5, com que o fenece. Oxalá alcançáramos os outros quatros cantos que faltam para que víssemos tão gostosas alterações, se pé que já os teria compostos a este tempo. Isto do primeiro manuscrito. O segundo ainda não é de tanta estima porque tendo infinitas alterações se vê claramente que não são do P, o é porque tem muitas estâncias inteiras que são suas, e que também reprovou ao imprimir o Poema. Encontre esta cópia em mãos do Doutor Fernando Cardoso, amigos destes estudos, ainda que não tivesse reconhecido o que havia nela. Ela é escrita da mão de Manuela Correa Montenegro, homem algo conhecido por seus estudos, e, singularmente, no histórico; tem nas margens algumas notas de pouco fundo, e prometia no Prólogo dilatá-las em uma tábua. O título diz assim *Lusíada de Luís de Camões, agora novamente reduzida por Manuel Correa Montenegro etc.* E na dedicatória que escrevia ao Duque de Bragança dom Teodósio de

Salamanca, em 15 de Agosto de 1620, diz desse modo: *Encontrei os dias passados esta obra, e determinei restitui-la e emenda-la de muitos erros, etc.* E no Prólogo diz isso: *Começou Luís de Camões a ilustrar a língua Portuguesa, reduzindo muitos vocábulos antigos e obsoletos, introduzindo outros de novo tomados do Latim, etc. que se houvera Escritores que depois o ajudaram, facilmente se remendariam as faltas da nossa língua, etc.* E mais adiante diz: *E porque trabalhos tão ilustres não se desdoure nem mesnoscabem em nada, havemos buscado o original dos mais antigos, ao qual não falta nada de quanto o Poeta escreveu.* E logo abaixo diz o seguinte: *Entrando na matéria mudamos todos os versos Esdruxulos, e agudos, por ser mui mal parecidos em estilo heroico, ao menos no tempo de agora: trocamos algumas palavras por outras ao parecer melhor soantes, etc.* E confessa (se bem com modo sofredor de explicação) que dá acrescentadas naquela cópia alguma oitavas, que parece reprovou o Poeta ao imprimir o Poema: e isso se deixa ver facilmente por duas razões claríssimas: uma dizer o Montenegro que o dá restituído, e que veio a suas mãos o Poema, que todo argui novidade, e esta não se podia entender do impresso tantas vezes por decurso de quase cinquenta anos. E ele dizer logo abaixo que encontrou um original dos mais antigos em que não falta nada de quanto o Poeta escreveu, assegura todo isto muito melhor. E assim as emendas e acrescentamentos que conta por seus, logo o parecem, porque ele querer mudar as palavras o fez desordenar a harmonia de Luís de Camões, e muito mais o querer o purgar dos agudos, e Esdruxulos, embora estes sejam tão poucos que somente os há em três lugares, com a ponderosa condição que advertimos sobre a e. 29 do c. 5 e pudera ser em quatro, se o Régia, e o Egrégia da e. 85, do c. 9 fossem Esdruxulos como ele pensou, e pensam outros. As lições várias que nesta obra cópia podem ser do Poeta irão também juntas às outras: e as oitavas que nela há do Poeta, e que ele reprovou ao tempo da impressão, irão também no comentário

debaixo daquelas a que elas se seguiam, que são estas. No canto 6, há uma depois da 7. No 8 três depois da 32, uma depois da 36. No canto 10, depois da estância 72 aparecem dez juntas, e onze depois da 83, e depois da 141, há outra. E o não está nesta cópia as outras estâncias reprovadas pelo Poeta, que estão na primeira, nos ensina que o original de que ela se tirou era já purgado pelo Poeta. E que o foi depois de vindo da Índia, quando o andou limando para o imprimir. E a grandeza das estâncias mostram bem que as escreveu em Lisboa, já naquela idade sólida, e o tira-las ao imprimir (por mais que fossem tão excelentes) pode ser pelas razões que apontamos nos lugares em que as trazemos. Outros têm para si que o Poeta iniciou essa grã fábrica na Índia. E João Pinto Ribeiro me disse que pessoa que o conheceu dizia me Sofala, como se àquela noite o houvesse sido inspirado por algum divino meio. Da grandeza e mistério dele bem se pode suspeitar algo disso, e fosse assim qualquer tempo, ainda mui breve, lhe bastava para obrar tanto, porque o céu para obrar não mister tempo. Porém se não fosse assim, bem houve mister tudo o que lhe concedemos, porque para obras que têm tanto de divino, não há dúvida que humanamente necessitam de largo tempo. Cada um no que não e de Fé pode crer o que quiser, que nem eu quero que o Poeta escrevesse por milagre, senão por engenho, por estudo, por arte, por trabalho.

Digo só que quando o Poeta não levasse de Portugal este Poema com a forma, ao menos levava muito dele em pedaços, porque é certo que muitas das estâncias reprovadas do primeiro original com que acho são evidentemente do tempo de moço, e que ele não passou moço à Índia, senão na idade que dissemos, e em que escrevia uma tal Écloga como é a primeira que admiram com sua grandeza, e não consentem que quem as escreveu houvesse de escrever aquelas estâncias reprovadas, senão ao tempo que se escreveram as duas Éclogas, quarta e quinta, que têm muito da

própria qualidade. Isto sem o discorrido acima, que nos parece ajustado.

XVII.

Das Rimas várias diremos agora. A primeira coisa é a Écloga quinta, que sem dúvida é dos princípios de seus estudos em Coimbra, e a seus amores que ali teve, imitando nela algumas estâncias de Serafino Aquilano, que então corria com grã aceitação. O soneto 3 da parte 2 que citamos ao princípio é à despedida de Coimbra. A Écloga 4 ou é do mesmo tempo, ou do primeiro que escreveu chegado a Lisboa, já empregado nos segundos, ainda que a canção 4 ainda suspira pelos primeiros do Mondego. A Ode 7 já é da Corte, e o Soneto 17 a sua Violante, bem mostra ser de quando andava em seu ponto a amorosa chama; o 24 parece escrito à despedida, quando se embarcou, e o 25 depois que ia navegando, lamentando-se do desespero que o seguia e voltar a ver a sua amada, e conforme isto com o propósito que levava de não voltar à pátria, como confessa em sua primeira carta que já citamos. O 27 prossegue com o mesmo desespero sem poder esquecer o amor. O 28 e todos os amorosos significadores de sua pena doce, encontrando-se glorioso com padecê-la, todos são escritos na presença do objeto de seu amor: porque depois que se ausentou não se sabe que tivesse outro nem que deixasse de chorar a ausência, como logo mostraremos. O 39 é ao haver-se queimado no rosto dona Guiomar de Blasfé, dama do Palácio, como consta das Redondilhas, que feitas ao mesmo assunto trazem esse título. Os Leitores do *Flos Nimpharum* saberão sua vida, e idade, e tempo dela. O 40 muito parece de sua despedida de seus amores de Coimbra, depois de encontrar-se em Lisboa; e por dita depois de os haver deixado por esses outros como também a primeira glosa das suas, que á ao mote: *campos bem-aventurados*. Porque campos alegres, formosos, etc. que encarece a glosa, e o Soneto. Ao ser da outra parte do Douro ao

Tejo, são propriamente do Mondego. O 44 também é à despedida de Lisboa, como o 24. O 56 cheira ao motivo do 40. O 59 é epitáfio ao rei dom João Terceiro. O 62, resposta a outro de um amigo, pelos consoantes como se usa. O 73 acompanha ao 47. O 77 que ontem o tempo em que enamorou, se não foi escrito então foi pouco depois: assim fica sendo de seus primeiros em Lisboa. E mostra o Poeta nele que seus amores tiveram a fortuna dos de Petrarca, em haver nascido na semana Santa, e na Igreja, ou na Igreja do título das Chagas de Lisboa, segundo João Pinto ribeiro entende do Soneto 77.

O culto divinal se celebrava
no Templo donde toda criatura
louva o Feitor divino, que a feitura
com seu divino Sangue restaurava.

Ainda em ser naquele Templo parece o encontra o tempo que o Poeta descreve noutros lugares. O 83 é à morte da donzela Real, Infante dona Maria, que estimava muito ao P. e assim foi escrito em Lisboa, no ano de 1579, em que ela e ele morreram, que vem a ser por ventura o último que o Poeta escreveu.

XVIII.

A Canção I bem mostra que é do tempo do Soneto 13, assim a linha 3. A 4 claramente escreveu-se em Lisboa, pouco depois de chegada de Coimbra, que contém sentimentos de ausentar-se da amada, e assim é sinal que ainda não tinha principiado os amores que depois teve na Corte. A excelentíssima Ode 6 me faz duvidar se se escreveu em Santarém, quando lhe desterraram a primeira vez da Corte, se em Ceuta, se na Índia: inclino-me ao primeiro, pelas razões que algum dia se verão sobre ela, pois agora não cabem aqui. A Elegia 2, em Ceuta. A 3 antes de se passar para lá, mas já fora de Lisboa, e cremos que em Santarém, pelas razões já

ponderadas ao princípio. A quarta, ou tercetos, é em louvor do livro que escreveu sobre o Brasil Pedro de Magalhães, e anda nele, que se imprimiu no ano de 1576. A 5, que chama Capítulo, é a imitação de outros do Serafino, e do tempo de seus amores em Lisboa.

XIX.

As Éclogas 2, 3, 6, 7, admiráveis, são escritas no tempo em que a primeira vez assisti na Corte, abrasado naqueles amores, descrevendo-os: e elas o mostram bem, porque tis pensamentos não se escreve senão em tais ocasiões, e em tal idade. A quarta e a quinta, já dissemos que foram dos princípios de Coimbra esta, e dos de Lisboa aquela. A oitava, que chamou Piscatória dos de Lisboa nos parece pelo que diz e pelo modo. Da primeira diremos no que é escrito na Índia. As Redondilhas (que pela maior parte são soberanas) as segundas se chamam *Carta a uma dama*, a imitação de Petrarca na canção 31, ou do Molza, e Agustin Centurión noutras, como se verá em sua ocasião, ou das coplas de Boscán que têm por título *Mar de amor* e começam:

El sentir de mi sentido

São daquele amoroso tempo. Todas as obras que se seguem amorosas são do mesmo, como a glosa do verso:

Mas porém a que cuidados

Com a carta seguinte que foi a dona Francisca de Aragão, dama do Palácio. E isto foi o que nosso Poeta escreveu no reino e em Ceuta. Agora vejamos o que na Índia, que não é muito, e não o pode ser, assim porque já estava ausente das damas, que ele confessa serem suas Musas, e que à verdade são as luzes de eu os Poetas são Mariposas, como porque tratava de seguir a guerra, e como disse o Poeta Latino, em não havendo ócio perecem as artes amorosas.

XX.

O Soneto 4 e o 6 a dom Henrique de Meneses, quando no Mar Roxo queimou uma armada inimiga. O 12 à morte de dom António, de que diremos logo ao alar da écloga 1. O 19 à morte de sua senhora. O 72 a sonhar com ele defunta. O 92 parece continuação deste lamento. O 11, a dom Constantino de Bragança, sendo Vice-rei e seu amigo. O 46 à finesa do seu amor na ausência. Os 48 e 49 a suas esperanças e os 50, 53, 55, 57 e 64 também parece acompanham o 11 porque contém parte das estâncias de que logo diremos. De lá são 67, 76, 85. O 86 é ao Conde de Redondo, que devia ser ao entrar no governo da Índia, que foi no ano de 1561. O 38 é epitáfio ao sepulcro de dom Henrique de Meneses, de que dissemos a respeito da estância 55 do canto 10. Os 89, 98, 102, 102, 104 ali se escreveram. O 105 é a dom Leonis Pereira, pelas vitórias que teve em Malaca. A Canção sexta, embora entre assim:

Com força desusada
aquece o fogo eterno
uma ilha lá nas partes do Oriente.

E aquele lá ou ali faz parecer que estava aqui quem a escreveu, não há dúvida que ali foi escrita, porque a est. Penúltima. Diz isto:

Agora venho a dar
conta do bem passado
a esta triste vida, e longa

De maneira que ali estava (porque este era o desterro que diz aqui e a ausência que diz acima) falando como daqui. Este lugar trouxe-nos a respeito da est. 5 do c. 8 e dá muito crédito ao que ali ensinamos. A canção 9 foi escrita em Goa depois que veio de ver o monte Félix a partir do Estreito de Meca, como advertimos

acima; e foi isto no ano de 1555. A Ode 1 ali foi escrita, porque sua est. 7 diz:

As drogas cheirosas
deste nosso Oriente, etc.

Assim a 8, que em louvor do Doutor Garcia de Orta, Médico, no livro que compôs de coisas medicinais da Índia e se imprimiu em Goa em abril de 1563. Nela fala com o Conde de Redondo, a quem oferecia o livro. A Elegia 1 claramente foi escrita no ano em que o Poeta chegou à Índia, depois de encontrar-se na destruição das Ilhas que el-Rei da Pimenta usurpava, como já dissemos, pois enviou ao Reino em 1554 com as novas daquela ação fresca, que foi ao fim de 1553. As estâncias a dom António de Noronha sobre o desconcerto do mundo, escreveu pouco depois de voltar de Macau, que seria o ano de 1561. As que se seguem ao Vice-rei dom Constantino, seu Mecenas, se escreveram primeiro, e as últimas a da flecha de São Sebastião, que o Papa Paulo Quarto enviou ao Rei dom Sebastião: e nos admira isto, por ser na força de sua idade, e furor Poético, sendo elas de qualidade que as podíamos pôr entre os seus escritos de puerícia, ou bem de seus desgostos finais, se contra ele não estivera a averiguação do tempo, porque Paulo entrou no Pontificado no ano de 1554 e devia enviar a seta pelo Embaixador da obediência, que poderia voltar no de 1555 que era o segundo da idade do rei dom Sebastião, que nasceu em 1554, e quando muito o estendamos não passará do de 1559, em que morreu este Pontífice: e então eram os quarenta de idade do Poeta, e os seis de sua estada na Índia, pouco mais ou menos. Embarça-me, todavia estas contas, que parecem ajustadas, a impressão primeira destas Rimas, porque tem por título nestas estâncias isto: Sobre a seta que o santo Padre enviou ao Rei dom Sebastião no ano 1575, com que não fica claro se o Papa a enviou aquele ano, que seria com que está escrito acima, ou se sucedeu tudo junto: e se fosse assim,

então diríamos, que embora pudessem ser piores que as da puerícia, porque a idade carregada de tais opróbrios como ele padecia pode tornar um homem a pior que menino, e um Platão a mentecapto. E então seria o Papa que enviou a seta Gregório Décimo-terceiro, que se sentou na Cadeira Pontifícia no ano de 1572, que tudo está contra o que encontro nas memórias, embora como semelhantes graças sempre sucedem a alguma ocasião singular, não era a de passar el-Rei em tempo deste Pontífice a África contra infiéis, com o nome daquele valoroso soldado de Cristo, que o haver nascido em seu dia, que foi o motivo de tomar este nome em tempo desse. Mas ajuda ao primeiro ser certo que alguns anos antes tinha el-Rei instituído uma nova insígnia de cavaleiros da Seta, que não podia ser sem porque ele ter a deste valente Mártir, lhe juntou devoção à dívida de haver nascido em seu dia, para reconhece-la, e o celebrar com instituir uma Ordem de Cavaleiros honrados com as insígnias de seu martírio, e assim aquele número deve estar errado. Veja-se o dissemos destas estâncias a respeito da 49 do canto 2 e 40 do 10. A Écloga primeira, que o próprio Poeta estimou melhor de quantas havia escrito (ela é notável) ali se fez entre os anos 54 e 55, porque nela chora a morte de dom António de Noronha (não este que governou a Índia) sobrinho de dom Pedro de Meneses, Capitão de Ceuta, amigo do Poeta; e a de nosso Príncipe dom João, pai do Rei dom Sebastião. E a nova destas mortes, que foram no ano de 1554 chegou à Índia em setembro, e no seguinte a enviou o Poeta com o Soneto duodécimo da própria morte de dom António, a um amigo, como se vê da sua carta 1. De modo que quando o P. escreveu esta valente Écloga tinha a idade de 38 anos, conforme à conta que aí deixamos. Das Redondilhas, aquelas primeiras (nunca bastante louvadas, e sempre inimitáveis) ao som do Salmo: *Super flumina, etc.* já dissemos que as escreveu escapado do naufrágio nas margens do Mecom. Outras que vão mais adiante, burlescas, se chamam o *Convite*, feito a certos Cavaleiros, em que

ao descobrir dos pratos se achavam coplas em vez de comida, porque esta é a mais segura na casa de um Poetas. Foi isto ao tempo que terminava dom Constantino o seu vice-reinado, em que o Poeta, à sombra de um senhor que o sabia ser, trouxe alegria, e gosto para semelhantes burlas, e galantarias. Outras ao Vice-rei Conde de Redondo, e outras que chamou Disparates, e a Relação de que já dissemos. Outras a João Lopes Leitão enganado por uma dama, outras a um Cavaleiro que lhe havia prometido uma camisa e não se a dava, e que sorte de camisa fosse esta, porque então não faltava ao P. uma camisa, dizemos nas notas às Rimas. Outras a uma mulher açoitada por um verdugo que se chamava *Quaresma*. As primeiras endechas a uma escrava que parece lhe agradou, a que também deviam ser feitas as outras que se veem na primeira impressão, e se vedaram, e pendiam do mote velho que começa; *Catarina bem promete* As outras Redondilhas amorosas, e a vários intentos, pela maior parte são do primeiro tempo de Lisboa. A carta primeira, ela própria diz que se escreveu na Índia, pouco depois de chegada. A segunda parece haver vindo depois dela, e ao menos que lá ou em Ceuta se escreveu, porque entra com aqueles versos de Garcilasso: *\La mar em médio, e terras he dexado.*

XXI.

O que parece ser escrito depois que veio o Poeta da Índia é o soneto 1 de suas Rimas: e o 3, e o 5, e a admirável canção 10, e a Ode 3, e a 9, e os outros tercetos a Pedro de Magalhães, que acima ficam no número 18, e o soneto a dona Maria no número 17, e outras coisas que têm por ali o tempo em que escreveram; e as sextinas, e nas Redondilhas, o Labirinto, e as duas ao desconcerto do mundo, perto de si porque quase tudo isto contém pranto, e relações de coisas passadas em toda a vida, e de quem se encontrava desamparado já da Fortuna aos umbrais da morte.

XXII.

De todas estas observações se colhe que o mais, e melhor do Poeta foi escrito desde que saiu de Coimbra para Lisboa, até que sio dali para a Índia, e era coisa clara, embora não o tivéssemos feito patente, porque depois que saiu da pátria com tanto desgosto, que supôs não voltar a ela, apenas viu o rosto ao descanso, nem ao gosto, assim tudo o que lá escreveu, quase não concerne outra coisa que lamentos, e pranto. Ajunte-se a isto o que respondeu a Rui Dias da Câmara, queixoso de que não lhe traduzisse os Salmos Penitenciais, como lhe havia pedido. *Senhor (disse ele) quando eu escrevia nadava favorecido de damas, e contente, e não me faltava nada, e agora me falta tudo.* E esta bonança miserável, embora alegre, não a logrou o Poeta sem este tempo que esteve em Portugal, antes de passar à Índia. Colhe-se também dessas observações muita particularidade de sua vida, e do tempo, e motivos de algumas de suas obras, até que nas de suas Rimas o vejamos como em seu lugar, se o que os curiosos fizerem ao trabalhado nestas nos animar a oferecer-lhes essa outra, que nos tem custado menos estudo. Da chamada segunda parte das Rimas não trato aqui, pelo muito que nelas há de não seu, o que o é tenho acrescentado às suas, porque tudo ande em um tomo, quando ele saia (si Deus quiser) se verá tudo.

XIII.

Muitos júzos se cansaram em sentenciar em qual dos dois estilos, heroico ou erótico, havia angariado mais glória a nosso Poeta. Já não é pequena sua o encontrar-se nesta suspensão júzos bons O certo é que a mais segura sentença será sempre a de estar neutro entre coisas tão perfeitas, que cada uma em seu gênero não tenha inveja da outra. Isto digo eu quanto a cumprir igualmente com o que requerem os estilos, porém um Poema heroico pede mais invenção, mais grandeza e mais mistérios, e o Poeta cumpriu profundamente com estas obrigações beste, segue-se que esta é

com grã distância maior obra, e que quem não o julga assim no o entende aqui tanto como ali. Agora digo que em consequência de haver este grã Poeta sido não menos feliz no lírico, que no heroico, embora isto quer mais caudal que o outro, justo é advertir que em ninguém concorreu esta perfeição nos dois estilos. Homero em seus Hinos é muito menor que nos dois Poemas heroicos. Assim sucede a Virgílio entre suas três grandes obras, e seus Epigramas, se são seus; Horácio não teve no heroico a felicidade que no amoroso: assim os outros Poetas Elegíacos, Satíricos, Epigramáticos, Líricos, e Cômicos, de Gregos e Latinos, e vulgares, que escuso nomear. Estácio todo foi alheio da suavidade Lírica. Dante inferior é muito com suas Rimas, a sua chamada Comédia. Petrarca, embora tenha sido laureado pelo seu poema da África, não é estimado salvo pelas suas Rimas. Sannazaro nelas é muito desigual aos versos de sua Arcádia, e desigualíssimo em tudo a seu Poema sacro. Ariosto com muita diferença resplandece em seu Orlando do que em suas Rimas. Bernardo Tasso ao contrário, melhor nelas que em seus dois Poemas Amadis e Floridante. Do grã Torquato, seu filho, creem juízos bons (e creem bem) que suas Rimas não se leriam se ele não houvera ganhado crédito para elas com a Jerusalém Liberta. Dom Afonso de Ercilha escreveu algumas que não permaneceram como sua Auruca. Lope de Vega libera sua opinião nas Comédias. De maneira que o que não se pode juntar em Luís de Camões com tanta igualdade, ainda que em Castela dão alguns o primeiro lugar às Rimas, (e era pela razão que apontamos no número 34 do juízo deste Poema) é difícilíssima a averiguação de em qual dos dois gêneros resplandece mais. Também esta dúvida pudera entrar no estilo Cômico, porque também é certo que até o seu tempo, e muito depois, não se escreveram melhores Comédias que as suas, e ainda agora está a diferença somente na forma (se a de agora há de ter estimação entre os doutos) que na galantaria, conceitos e propriedade, todas ficam atrás sem dúvida alguma. Assim, logo, em Espanha só Luís

de Camões avanta a grandeza de Homero e Virgílio, no Heroico, a de Píndaro e Horácio, no Lírico, a de Menandro e Plauto, no Cômico, com igualdade notável, apropriando-se a si só quanto conseguiram em diferentes idades, e sujeitos, os Gregos e os Latino, os Italianos e os Espanhóis.

XXVIII.

O engenho, pois, de nosso P. de nos cabia tratar agora, não há mister maiores testemunhas, nem mais elegantes elogios que suas obras. Por elas veremos o fácil, o suave, o alto (juntar estes é o mais difícil da Poesia, e é junta que hoje não se encontra) com que disse tudo quanto tencionou dizer. Descobre-se isto muito nos asperíssimos assuntos do canto 10, como por ele todo deixamos ponderado, e principalmente sobre a e. 78. Não digo já o plano e a ordem de todo o Poema, e a invenção formosa dos Concílios dos deuses, e em particular a do marítimo, coisa nova: e a fábula de Adamastor, somente sua, que sem dúvida faz sombra a Homero, e a Virgílio, e que só pudera dar crédito a um Poema, e mil espíritos Poéticos. E o canto 9, que só pudera ser glória de um espírito grande, porque contém fabrica para mil Poemas, nem o que descobrem disto as éclogas (que foi muito fazer-las precer grandes, à vista das de Virgílio, e Sannazaro, e Beniveni, e Bernardino Rosa, e Garcilasso, que parecia haviam tirado a esperança de igualá-las, quanto e mais excedê-las) sem que qualquer Soneto ou Redondilha, está resplandecendo com invenção, e conceito, elegância, nobreza, e suavidade. Nem posso deixar de dizer, contudo, o respeito que se deve aos grandes homens, que dos Gregos há muitos que não tiveram mão para os versos grandes, como Píndaro, Anacreonte, e outros: e, se dos Latinos, Horácio, que embora diga coisas boas nos versos maiores, com dificuldade há neles um bom, sendo insuperável nos pequenos. Neles se quiseram provar grandes Poetas Italianos, como Beniveni, Srafino e Policiano, e não conseguiram tanto

crédito como nos outros. Assim sucedeu com os espanhóis ao venerável Juan de Mena, e ao feliz Garcilasso, que embora não escrevera, muitos versos pequenos, sempre vêm a ser os que bastam para fazer este juízo por ventura, que o havê-lo feito o próprio Garcilasso, o fez escrever menos deles, que Mena, ao revés de Boscan, que neles se fez mais estimável que nos Sonetos, e Canções, advertindo que Francisco de la Torre no desdisse tanto desta glória da igualdade nos dois gêneros de versos. Jorge de Mntemayor, e Luis Galvez de Montalvo pelas Redondilhas se conservam. Nosso Francisco de Sá de Miranda por elas somente se lê. Diogo Bernardes, por suas Éclogas e cartas, que todas são em verso maior. Fernando de Herrera não ousou escrever os menores, nem Francisco de Figueroa, nem Frei Luis de Leon. Dos de nossos dias (falo dos que prometem duração depois de mortos, não dos mortos estando vivos) Lope de Vega muitas coisas escreveu com felicidade em versos maiores, porém ninguém duvidará que nas Redondilhas se avantajou muito, e que é ele que as ensinou a escrever em Castela, imitando o ar das de nosso P. Dom Luis de Gôngora é digno de grande estima por seu grã engenho, porém se não fosse tão censurado por muitos a não escrever o mais dos versos grandes, coisa é clara, porque sobre os pequenos chegou a lhe formar culpa; procedimento esse de que neles tem facilidade, propriedade, conceitos, elegâncias, pensamentos, e agudezas, e de que noutros falta totalmente tudo isto, porque somente contém termos esquisitos, locuções, metáforas perpétuas, e remontadas, e um puro martírio do entendimento para decifrá-lo, e o que é pior não encontrar coisa de proveito depois de decifrado com tanto trabalho, mas desta estranheza do dizer, que ainda que descubra engenho (que eu não o nego a ele) pretendem imitá-lo muitos, não produzem substância com que todos se pareces a cascas de nozes; muito ruído, e pouco fruto, e este de nenhum proveito como o acareis afirmado por Laguna sobre Dioscórides, ou com galas de alquimia,

muita luz, e pouca fazenda; ou como mulher sem formosura, que pensa a fabricar com enfeites e mais enfeites, adornos, e mais adornos, e sempre fica pintada, e rico, mas não formosa, porque a Poesia grave, alta, e divina, não faz ruído com palavronas, senão com pensamentos vestidos com siso. O Conde de Vilamediana sem escrúpulo teve mais sorte nas redondilhas. Francisco Roiz Lopo, Poeta natural, e doce, se fez entrada no Parnaso (não havendo escrito poucos versos maiores) com os pequenos: e singularmente as Éclogas dignas de toda estima. E não só na Poesia, mas também na prosa solta. De Cícero se sabe que não podia fazer versos com toda sua elegância. De nosso João de Barros vemos, que com toda a sua na história, não se pareceu a si próprio nos versos, como ainda se vê alguns que permanecem. Andres de Laguna foi feliz em galantaria, e elegância na prosa Castelhana, e escreveu versos ridículos, e ao contrário, conhecemos autores de tão galantes versos, que quase se podem chamar Poetas, e que não sabem responder a uma carta familiar, e isto é o que mais nos admira: porque sendo a Poesia um modo de falar tão realçado, e superior, parecia posto em razão, que o houvesse conseguido se avantajasse na prosa, e que por isso não era muito se um elegante em prosa, não o fosse na Poesia. Porém isto é que um e outro queira particular gênio, e que que o logra singularmente divino quem o tem para tudo, como sucedeu a nosso Poeta de quem permanecem prosas que não desdizem de seus versos. De sorte que com todos andou abreviada a natureza, salvo com Luís de Camões, em quem se derramou a cópia liberalissimamente, para não dizer com prodigalidade. Volto a suas Redondilhas, que não podem ser mais louvadas que com se dizer (e ser certo) que logram igualdade com sua Estâncias, Sonetos, Canções e Elegias. Nos motes cobriu a fertilidade do engenho, e abundância do pensar, porque sobre muitos esterilíssimos disse tais coisas, que veio a ser o próprio que tirar balsamo de pedras. Voltarem luzes a trevas, e no ouro o ferro,

fazendo verdadeira a Pedra Filosofal neste gênero de alquimia. E verdadeiramente me encontro com inveja de que dom Luis de Gôngora se lhe haja parecido tanto nesta graça, e avantajando-se na cópia. Prezou-se muito Sannazaro de ser o primeiro que escreveu em sua língua Écloga piscatória. Bem logo nosso Poeta se pode prezar muito (e o faz) de ser o primeiro que juntamente a compôs piscatória e pastoril, e é a 6. Certo, grande, excelente, certo. Sirva a este número o que temos ponderado no antecedente, por tocar tudo ao caudal do engenho, e tudo junto sirva também de desafogo aos que estiveram enciumados com o título que demos ao Poeta, de Príncipe do de Espanha, que, por todas estas razões, não fora muito, se disséramos de todos os da Europa (que vem a ser de todo o mundo, pois somente a ela coube a sorte das terras políticas, engenhosas e doutas) já que o P. se avantajou a todos em ser igual em tudo.

XXV.

E porque ordinariamente os homens, por engenho grandíssimo, soem cair pelos costumes em algum grande vício (porque Deus quer desengana-los de que a ciência humana não tenha seguro os acertos) é muito notável que nosso Poeta se eximiu desta pensão, procedendo com sossego, polícia, e valor na paz, e na guerra e totalmente não se sabe defeito algum que em alguma parte lhe pudesse manchar. Os outros são comuns à humanidade. E houve quem dissesse que havia sido ingrato, oxalá fora assim, porque precedera a isso o haver recebido algum bem de algum homem; porém se ele não o recebeu, como pode ser ingrato? Logo não teve esse vício. Virtudes notáveis sim, porque ademais das que se podem inferir do dito, que são sofrimento nas perseguições, constância no sofrimento, amor da pátria singularíssimo, zelo de celebrar os beneméritos, apesar de ofendido por eles, aborrecimentos com a lisonja, rancor às baixezas, foi liberalíssimo, propriedade somente de coração generoso, entendimento puro,

e ânimo soberano. E o haver usado desta virtude com muitos, sem recordar-se de ninguém a usava com ele (porque o magnânimo jamais se recorda do que não lhe dão, senão do que não dá) o trouxe à miséria de viver de esmola, que para ele (dizem) pedia de noite um escravo que havia trazido da Java, porque a não ser tão largo, ocasiões teve para não vir a experimentar o que vai de despender a pedir: posto que não a tivera para saber quanto mais glorioso morre o que chegou a pedir por liberal, que aquele que subiu a rico por miserável. O que lhe restava de obrigações precisa empregava no estudo, como o descobrem suas obras, porque apenas há ciência, e erudição, de que não necessitem os Escólios que elas merecem. Volto a dizer que foi inimigo descoberto da adulação e da cobiça, embora em dando-se a mão a esta, a outra logo perece. Isto se descobre claramente em suas obras, em que sempre fala com liberalidade notável de todos os estados, e também se descobriu na sua pessoa, porque se grandes tontos medram tanto, só com as ações servis de aduladores, quem duvidará do que pudera medrar Luís de Camões, se com tantas qualidades excelentes (e a do engenho, sem dúvida peregrino) quisera tomar aquela senda? A verdade é que um varão raro pelo engenho, e um douto verdadeiro, estima muito mais que um mundo sua liberdade: e jamais sabe fazer nem dizer reverências ou palavras fingidas. Embora em seus escritos pareça mui dado aos amores, e a mulheres, não casou, nem se soube dele que tivesse algum filho, nem outra alguma nota por esta inclinação. O ânimo foi naturalmente repousado, não se alterando com os sucessos, embora tivessem algo daquilo que sói alterar os ânimos, e fazer que deem mostras de sua alteração. Isto se deixa ver em sua Elegia 1, em que referindo a vitória que se alcançou do rei da Pimenta, em que tomou parte por encontrar-se nela, e não sendo ela para desestimar, não disse desta ação mais de que passaram por ela, e que lhes sucedeu bem, assim: *Fomos toma-la e sucedeu-nos bem*. Outro espírito o teria exagerado, vangloriando-se de

encontrar-se nela. E perdendo-se o Rei dom Sebastião, ocasião que fez tomar a pena a tantos engenhos, não se sabe que ele a tomasse para isso, sabendo que era aquele infausto sucesso mais para emudecer que para escrever: e assim deu aquela resposta à morte do Reino, e sua, que já fica ao fim do número 9. E é o trecho da última carta e coisa que escreveu. Tenho observado que embora Cavaleiro fosse, não tinha aquela propriedade tão da Cavalaria, que é ser mui dada aos agouros, pois vendo que seu pai se perdeu na Índia, não deixou de ir para lá; vendo-se ali prejudicado por um Barreto, não duvidou em acreditar noutro. Era inclinado a algumas ações jocosas, como se vê em suas Redondilhas, segundo lá anotamos. E porque entre elas faltam algumas deixarei aqui duas de que tenho notícia. Como o Poeta vivia das misérias de alguns Cavaleiros Portugueses, parece que um de que era tido não por menos valente que o Poeta, se quis valer dele para vingar-se de certo homem que o tinha ofendido, que é muito da Cavalaria comprar uma mão alheia para satisfazer-se. Porém o Poeta ainda se ofereceu para isto e não cumpriu, porque é muito do entendido não executar a sujidade, ainda que a pense, e perguntando-lhe o Cavaleiro, por que não o fazia, respondeu com esta copla:

Logo lhe vi mui mau gesto
quando vo-lo dei por morto:
porque torto matar torto
não me pareceu direito

Jogando com as palavras torto e direito, porque era o Poeta torto de um olho, e era um torto contra o direito divino de matar ao outro daquela maneira que pretendia o Cavaleiro. Pedindo outro a ele que lhe fizesse uma carta de mores, enviou a ele por ela quatro frangos, por testemunho que era o ânimo de galinha, e o P. enviou-lhe nas costas da carta esta copla:

Moscas, abelhas, zangãos
me comam bofes e baço
se outra como esta faço
a troco de quatro frangos

Conta-se que passando pela porta de um oleiro, que estava cantando uma canção sua muito viciada, entrou na olaria e foi quebrando vasos. Irritado o oleiro, ele lhe respondeu que sofresse o quebra-los, pois ele lhe quebrava suas canções: se bem que isto se refere do Poeta Filoxeno Citero. Este humor jocoso o fez ser um pouco mais fácil em seguir conversações desiguais a seu sangue, e talento, do que era justo. Porém desculpa-o a pobreza q que encontrava mais remédio nos pequenos, do que nos chamados grandes, e a necessidade rompe as leis, e o decoro.

XXVI.

Sua pessoa logrou a virtude dos extremos, ficando com o meio da proporção de um corpo que não sobe a Gigante nem baixa a Anão. Corresponderam os membros à grandeza: era avultado o rosto, a frente caída um pouco, o nariz era um pouco grande, e corria largo, com uma elevação não, desairosa na metade, testemunha de engenho, os olhos eram vivos. De cor que nos custa dizer que, como da fortuna, teve correspondência com seus braços, porque era branco e roxo de tez, e louro de cabelo, que são as cores do penhasco, serpente e pomo, e, singularmente, o Porfírio, ou Camon, que, segundo dizem os Cronistas da natureza, tem a cabeça roxa. Ao menos afirmam os que conheceram o Poeta, que o cabelo tinha com excesso a cor do ouro aceso, o qual convinha a quem tem o lugar de Apolo na nossa Espanha. Visto (e mais depois de perdido um olho) era menos alegre, que tratado: tratado admirava com a facilidade, e graça natural do dizer, e notícias com que o adornava. Entregou-se nos últimos anos à melancolia o ver-se com tão honrados exercícios sem algum

prêmio, e sem vida para emendar a passada, como ele o desejou, porque seguramente a isto foi escrito aquele grande soneto 18 que termina assim:

O quem tornar pudera a ser nascido!
soubera lograr do bem passado,
se conhecer soubera o mal presente.

Pensamento digno só de tão grande homem em tão miserável fortuna. Chegamos a tratar dela, e não o fizéramos com muito gosto, se a que teve depois de morto não nos limpava do humor da que teve enquanto vivo.

XXVII.

Realmente considerando que as insígnias da nobreza de Luís de Camões são compostas de castelos, penhascos, lanças, e serpentes, nos parece que a natureza havendo previsto sua vida, lhe enviou cingido de todas estas armas contra sua fortuna, e todas elas não lhe valeram. Porém se ela foi a que sói ser dos mui grandes sujeitos, principalmente pelo engenho, pouco temos que admirar-nos de que morresse a mãos da fome, e das outras injúrias do tempo que conheceu, e mais sendo natural de um Reino, onde depois de haver feito anatomia nos polos dele, disse deles na e. 82 do canto 7, falando com as damas, ou as Musas:

Vede Ninfas que engenhos de Senhores
o vosso Tejo cria valerosos:
que assim sabem prezar com tais favores
a quem os faz, cantando, gloriosos.

Isto depois de referir algumas das insolências com que foi tratado. Acaso um dia me encontrei com um senhor, que, falando-me no Poeta o elogiava. Entrou nisto um curioso, que trazia consigo este Poema, e havendo entendido a conversa, tirou-o e ensinou-o.

Abriu-o e deu logo com esses veros, e turbando-se um pouco, disse: *Poderia abrir-lhe noutra parte? Vos afirmo, todavia, que se ele vivesse hoje, ou eu então, a metade de minha fazenda houvera de ser sua.* O curioso que parece havia aprendido a liberdade, senão o engenho, na escola do próprio Poeta, disse: *Senhor, os pobres com os vivos porque não têm, e os ricos com os defuntos porque não vivem, todos são mui liberais, e prometem maravilhas. E a pôs; haja quem faça com algum Príncipe que dê alguma coisa a Luís de Camões ressuscitado, que eu buscarei quem faça com Deus que o ressuscite.* Este último me parecia mais fácil, que ao fim, ao fim aquele humor magnífico de fazer bem, e dar honra somente por fazê-lo, e dá-la aos entendidos, aos engenhosos, aos doutos, fosse à sepultura com os Mecenas, e com os Augustos. El-Rei dom Sebastião deu-lhe por oferecimento deste Poema uma tença (a chamamos) de quatrocentos reais cada um ano, em vida. Disseram muitos que se espantavam de como não lhe deu mais. Aqui nos espantamos de como lhe deu isso. Mas naquele Rei ferviam ainda pedaços de almas dos Alexandres, dos Augustos, e dos Mecenas, e quando começava a entender que coisa era ser Rei de um engenho, e espírito como o de Luís de Camões, faltou-lhe a vida, para que faltasse a tal Poeta a ventura (que parece pendia dele, pois, em vendo-o perdido, perdeu a vida) porque não é possível que aquele animoso Príncipe, invejando a espada de Alexandre, não houvesse de ver que lhe havia dado a natureza primeiro o Escritor, que a fortuna as façanhas.

XXVIII.

Assim como concorreu em nosso Poeta o engenho de muitos, segundo já mostramos, de muitos concorreu também a fortuna, como agora mostraremos. Ao ficar com poucos anos sem pai, se pareceu a Petrarca. Em ser desterrado por exercitar a arte de amar, a Ovídio, por ensiná-la, e escrevê-la. Em peregrinar o mundo, e mendigar às duríssimas portas dos poderosos, a Dante.

Em ser cego e pobre, a Homero. Em condenar a pátria a viver sem ele, já que ela o ofendia, a Cipião, e a Diógenes. Em salvar este Poema de um naufrágio, a César. Em ser vendido por duzentos ducados, a José. Em não se saber- ao certo o lugar de seu nascimento, a Homero. Em exercitar a espada e a pena com reputação, ao mesmo César. Na liberdade do dizer, aos próprios Dante e Petrarca. Em trazer alguns trinta nos este Poema entre as mãos antes que o publicasse, a Virgílio, que trouxe os seu onze, sem o haver acabado, a Estácio, que em sua Tebaida gastou doze, a Tucídides, que trouxe vinte e sete sua história, a Sannazaro, que trouxe vinte e um seu Poema sacro, ao Cavaleiro Guarino, que trouxe outros tantos seu Pastor Fido. Em ser celebrado mais depois de morto, a todos os Grandes, que os que realmente o foram nunca vivos pareceram tanto. E finalmente, na fortuna do nome de Luís, que parece fatal no Parnaso, foram seus companheiros, antes e depois, Luís Ariosto, Luís Alamani, Luís Tasito, Luís Domenico, Luís Martelo, Luís Ricci, Luís Corsioi, Luís Grotto, Luís Novelo, Luís Veniero, Luís Sanzes Luís Gonçalves, o Infante dom Luís de Portugal. Dom Luís de Bivero, Luís Glavez de Montalvo, frei Luís de Leon, dom Luís de Gongora, Luís Pereira, Luis Velez de Guevara, dom Luis Carrillo, Luís de Viloa Pereira, Luis Barahona de Soto, frei Luís de Sousa, a venerável Madre Luisa de Carvaja. Quisera passar aos que deste nome foram raros em outras Artes ilustres, mas por não sair das matérias que nosso Poeta tratou, que foram armas e letras, porei aó ao único Mestre das armas dom Luis de Narvaez.

XXIX.

Confessaram a GRANDEZA POÉTICA deste VALENTÍSSIMO HOMEM, todas as GRANDEZAS. Venham as REAIS. El-Rei dom Sebastião lhe fez esta mercê que aí dissemos, com obrigação que assistir na Corte, conhecendo que tal homem era ilustre nesta, e há ignorantes que o condenam a obrigação: podemos é perdoar,

porque não lhe penetraram o intento. O Prudente Felipe Segundo, no meio de toda a caterva de cuidados de grave peso, com que entrou em Portugal, perguntava por nosso Poeta, e pedia que o trouxessem, porque, de o haver lido, o estimava muito, e queria lograr-se de o ver, e o ver Rei de tão grande engenho; e quando lhe disseram que de poucos dias estava morto se mostrou sentido. Dom Teodósio, Duque da grande Casa de Bragança (ao fim produzida e produtora de Reis) o estimou, e honrou muito. Assim seu irmão dom Constantino, Vice-rei da Índia, para não degenerar daquela Real grandeza. Nossa entendida Infanta dona Maria o honrava singularmente, assim as damas ilustres, assim muitos senhores. E grã Tasso, ali da outra Hespéria, fez ressoar nestes seus louvores, sem outro conhecimento dele que da sua obra, e dizem muitos que publicava ele de não temer outro Poeta senão a Luís de Camões. O duto Mestre Brocense deixou em seus escritos: *Que a veneração devida aos verdadeiros Poetas por tantos caminhos se devia ao nosso Fernando de Herrera*, ao fol. 93 de suas notas a Garcilasso, diz: *Tocou também este lugar Luís de Camões, naquela formosa e elegante obra de suas Lusíadas*. O Padre Rio lhe dá nome sublime. O Conde de Vimioso, dom Francisco de Portugal, grã voto nestes estudos, disse: *Que ninguém jamais o igualaria*. E era o que o Comendador Grego havia dito a respeito de Juan de Mena. O Conde de Idanha, entendidíssimo, dizer: *que o devia o P. fazer esta obra tão breve que a pudesse decorar logo, ou tão larga que nunca a acabassem de ler*, com o ar do que se disse de nosso Rei dom Pedro: *que ou nunca houvera de nascer, ou nunca houvera de morrer*. Fernando Roiz Lobo Soropita, grã Poeta, e douto nestes estudos, disse no Prólogo que fez às Rimas, isto: *Tratar do estio heroico não é deste lugar, porque quem comentar a sua Lusíada, terá esse cuidado, mas o que com razão se pode afirmar é que cumpriu nela tanto à risca as obrigações do Poema épico, que se não parecera arrogância, pudéramos dar-lhe assento muito perto de Virgílio*.

Lope de Veja, desde que teve conhecimento destes estudos, até que morreu, esteve em uma perene imitação, e louvor seu. O grandiloquo, e sem dúvida Poeta Bartolomeu Carrasco, naquela formosa Canção com que dedica seu Templo a Felipe Terceiro, exagerando hiperbolicamente aquele sagrado Canto, diz assim:

Não entoe Eneidas Manto, Esmirna Ilíadas
nem mostre Lusitânia suas Lusíadas

Com o que deu a entender que na esfera de Homero, e Virgílio somente entrava Luís de Camões, e esta é a verdade. Outros há grandes, porém, de segunda esfera. Dom Tomás Tamayo de Vargas, Cronista de sua Majestade, e maior das Índias, cujo voto é importantíssimo, apoia celebra e soleniza em todas as ocasiões este grande Poeta. O douto dom Sebastião de Covarrubias em seu Tesouro da língua Castelhana, verbo *Camuesa*, diz assim: *Camões lugar de Portugal, de que tomou o nome o famoso Poeta: já acima dissemos o engano da origem de seu nome. O Mestre Vicente Espinel, pai de algumas coisas de engenho na Espanha, me disse muitas vezes isto: É tão só de Luís de Camões uma extravagante espécie de grandeza de pensamentos que se me disserem alguns seus, sem dizerem-me que o eram, logo eu, governando-me pelos conhecidos, conheceria que não podiam ser de outro homem humano. O Licenciado Antonio de Leon, Relator no Supremo Conselho das Índias, diz em seu epítome da Biblioteca Oriental e Ocidental, etc. , plano 8, assim: Luis de Camões Príncipe, etc. naquele divino Poema que intitulou Lusíadas, cantando heroica e docemente, etc O Licenciado Manuel Correa comentou este Poema embora não como merecia, etc. Reconhecendo com seu bom juízo a excelência desta obra. Um gentil Letrado (não o posso nomear) da cidade do Porto, com a mesma confiança que a Parnomitano o alegava em seus escritos. Diogo Bernardes o admira o espírito e chora a fortuna em um Soneto. Os Padres frei Luís de Sousa e Mateu Cardoso o aplaudiram em formosos*

epigramas, não os copio aqui porque me o impede o vulto que vai fazendo este escrito: e finalmente seria impossível ter memória de quantos engenhos o celebraram variamente em toda Espanha: e também deixo outros que vi, porque não são capazes de o louvarem. Venhamos a outra família de Elogios não menos importantes, pois ninguém quererá que digam mais.

XXX.

Dom Gonçalo Coutinho (Cavaleiro ao fim de grande linhagem e sobrenome) foi o primeiro que depois de morto nosso Poeta tratou de lhe honrar, quando já não se atinava com o lugar do seu enterro, que era na Igreja de Santa Ana de Lisboa, de Monjas de São Francisco: e enterrando-o ali, porque vivia junto a esta Igreja, na ruazinha que volta à Companhia, ou Jesuítas, em uma casa que nunca mais foi habitada, ou porque fez fugir a todos daquele sítio, o ver que nele padeceu tão horrível fortuna um tal homem, ou porque a Justiça divina quis castigar naquele pedaço de terra a que o tratou tão impiamente. Pôs uma lousa de mármore, com letreiro (bem quisera eu o poder chamar Epitáfio), que diz assim:

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES
PRINCIOE
DOS POETAS DE SEU TEMPO
VIVEU PORBERE E MISERAVELMENTE
E ASSIM MORREU
ANO DE MDLXXIX

Creio que o juízo do letreiro contrapesa a honra da pedra, porque chama-lo nele *Príncipe dos Poetas de seu tempo*, sem dúvida implica que neste há outro novo Príncipe. Porém deve ele de ser

como nosso Rei dom Sebastião, e a Ave Fênix, de quem dizem muitos que os há, e ninguém vê. Porque (ó verdade de funda! sejam tu a que sempre resplandeças) de Luís de Camões em Espanha se deve dizer o que de Homero disse Veleo Paterculo, que *Quando escrevia no encontrou a quem imitar, e depois de haver escrito por ninguém pode ser imitado*. Ademais, que quem uma vez foi Príncipe sempre o é, porque a vantagem os futuros (disto está livre até agora nosso Poeta) não tira a primazia dos passados. Mas, ao fim, foi aquela diligência, e aquele mármore, e aquele zelo, honra à grandeza (atrás disso vamos) deste Varão admirável. Seguiu-lhe Martim Gonçalves da Câmara (personagem daquele Reino) que entre outras honras fez escreverem em papel da própria lousa, com a pluma do cinzel, um elegante epitáfio Latino. Ação em que de necessidade descubro ou pouca notícia de o que o P, disse em alguns lugares desse Poema (penetrando-os pouco) que não são mui em favor deste sobrenome; ou uma façanha Hercúlea, que é depondo a paixão da chaga recebida, honrar a virtude de quem a abriu E este último é justo que se creia de um Cavaleiro grande pelo sangue, maior pelo entendimento, e raro pela modéstia, temperança, justiça, e zelo de dar honra aos que a mereciam. Sucedeu-lhe o Licenciado Manuel Correa, pessoa de boas letras, e maior virtude, que chegou até onde pode em uns escritos que saíram póstumos no ano de 1613, com título Comentário a este Poemas. O quarto foi o Bispo frei Tomé de Faria, que o pôs em verso Latino, se bem, não confessando que seja tradução de Luís de Camões, mais parece que se honra a si com ele, que a ele com sua Latinidade. Atrás dele correu Gaspar de Faria Severim, Executor maior do Reino (e amador da Política) que fazendo gravar em lâmina o retrato do Poeta, com um elogio elegante, fez ver de todos o rosto de um homem tão grande. Seu tio, o Chantre Manuel Severim de Faria acompanhou a efígie, e a inscrição com a vida, segundo já dissemos. Ali nos diz que Diogo do Couto, Cronista da Índia, começou a comentar este Poema a

rogo de seu Autor, chegando à metade, e que Luís da Silva Brito, Prior de Santarém, o tinha comentado com acerto. Pode ser assim, embora não se haja visto aqui fora nem um nem outro. O Licenciado João Pinto Ribeiro tem comentado as Rimas dignamente, segundo tenho entendido do descoberto, no pouco que é tratado por ele. Aqui em Roma vimos a encontrar o Doutor Andres Baião Cortesão, honrado e sacerdote, que com grandes vantagens tem passado este Poemas à elegância Latina. Em Castela há três traduções, porém, pouco felizes, como serão sempre todas as que se fizerem de Poesia. Em Italiano se começou a fazer uma. O resto, que a este propósito acumula Pedro de Maris, no Prólogo que fez a Manuel Correa, não consta, nem faz falta à grandeza de Luís de Camões. Ultimamente lhe temos oferecido este nosso trabalho, com mais desejos de entendê-lo, que presunções de o darmos entendido. Ponderamos, contudo, que parece fatal à memória de nosso Poeta o nome de Manuel, porque Manuel Correa o tentou comentar primeiro; Manuel Severim de Faria lhe escreveu a vida, e Manuel de Faria e Sousa o deseja comentar. Fatal também o sobrenome, porque temos um próprio Bispo que o traduziu, o Chantre que o celebra, seu sobrinho que o estampa, eu que os invejo. Fatal também a qualidade dos sujeitos, porque todos somos constituídos em dignidade Religiosa, para que fizesse harmonia com a limpeza do ilustrado, a dos que o ilustraram e pretenderam ilustrar.

XXXI.

Finalmente Luís de Camões nasceu pelos anos de 1517. Foi nobilíssimo Cavaleiro: claríssimo Poeta, valente soldado, de costumes correspondentes a suas qualidades. A todos estes méritos lhe fugiu a fortuna cega com todo prêmio. Havendo peregrinado o melhor do mundo veio a morrer em Lisboa, no ano de 1579. Foi enterrado com toda miséria na Igreja de Santa Ana,

logo ao entrar da porta, quase ao canto da mão esquerda. A direita, e a amplíssima, não acantonada, imortalidade do nome lhe tem dado a Fama, porque não teve poder nela a ingratidão da pátria, em o sono dos poderosos. Como desta maneira não morreu, não havia mister sepulcro. Assim não consta de artifício de pedras sua memória. A de muitos, que para com ele foram pedras, consta de sua Lira, que sem dúvida alguma há de ser ouvida, e admirada em quanto o mundo for habitado dos homens.

(Tradução de Marcia Arruda Franco)

¡Lusiadas / de Luis de Camoens... ; comentadas por Manuel de Faria y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, y de la Casa Real. - En Madrid : por Iuan Sanchez, 1639. - 4 tomos em 2 vol. : il., grav.; 2º (31 cm).